

L.

CH

DA

L.

57

L.

3457

3457 L

OLINDA,
OU
A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL

EM 5 CANTOS

POR

D. Antonia Gertrudes Pusich.



LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.

Rua dos Capellistas n.º 62.

1848.

UNIVERSITY OF CHICAGO
PHYSICS DEPARTMENT
RESEARCH REPORT

NO. 1



1928

PRINTED AT THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

1928

PROLOGO.

Na opinião dos grandes poetas o prologo diminue metade do valor de qualquer obra poetica, manifestando temor, ou humilhação; sentimentos estranhos á poesia, esse genio celeste que, tendo a Deus por unico superior, deve conservar illesa a propria dignidade, tornando-se sobranceiro a todo o sentimento (e mesmo, a todas as apparencias) de fraqueza!

Homero, Virgilio, Ovidio etc. deixaram sem commentario as suns maravilhosas producções: a esses cumpria não humanar-se, dando satisfações, ou pedindo escusa a quem era menos do que elles! Mas eu que não posso considerar-me elevada ao eminente gráu de sublime poetisa, vou implorar em favor d'esta minha humilde producção a indulgencia d'aquelles que estão nas circumstancias de ser juizes no julgamento d'esta obrasinha, a que ousei chamar poema, só por ser escripto em estilo que se assemelha a poesia!

Possa esta minha humildade (sentimento tão opposto á grandeza do genio poetico, mas tão natural á pequenez deste poema) em vez do lonvor a que aspiram os grandes engenhos, alcançar-me desculpa dos sabios, e o benigno acolhimento do publico.

Em outubro proximo futuro conta o meu poema quatro annos! Segundo as theorias de Horacio é muito novo para se expôr á luz; mas segundo a pratica de nossos sabios modernos começa mui tarde a girar no mundo litterario! E com tudo não ousaria apparecer ainda se tres genios superiores (*) com o seu consellio de amigos, não o arrancaassem ás trevas em que jazia no fundo de uma gaveta, persuadindo-me a publicar a existencia d'esta insignificante obra, (que se não fosse moral, nada valeria) e se elevada por beneficis mãos, não apparecesse hoje em publico escudada pelas magnanimas intenções de S. M. El Rei, Augusto Protector das patrias lettras, do Em.^{mo} nosso Patriarcha, e de tantos illustres Cavalheiros, sem cujo auxilio esta obra morreria na escuridão, como muitas outras que tenho creudo, e não tenho podido publicar, pelas circumstancias a que se acha reduzida a Nação: resultado das infelices guerras civís que a tem opprimido, e de cujas funestas consequencias eu tenho sido uma das victimas, perdendo toda a minha fortuna, e os caros objectos que me podiam tornar aquella perda menos aggravante!

Vencendo pois alguns melindres proprios do meu genio, ou da minha educaçáo, eu me resolvi publicar uns prospectos do meu poema:

(*) Os Ill.^{mos} Srs. José Jacintho Tavares, dignissimo Prior de Santa Isabel, e Castilhos, Antonin e Jose, que foram os primeiros Sabios que me animaram, e persuadiram a escrever em publico; e estes ultimos franqueando ás minhas obras as columnas de seus jornaes.

foram distribuidos, e foram perdidos! Rapezar d'este revez elle surge protegido pelo Soberano, e pelas mais altas Notabilidades que honram o nosso paiz! Soja a minha gratidão a devida recompensa de tanto favor; e queira Deus dar-me vida, e algum descanso, para tornar-me digna de tão nobre protecção, offercando á minha Patria outras producções mais nteis, e mais agradaveis.

Foi devida esta obra á leitura de nma Novella intitulada = *Kenilworth*, de Sir Walter Scott, traduzida por A. J. Ramalho e Sousa = a qual me foi dada a ler pelo meu sabio e bom amigo o Ex.^{mo} Conselheiro José Manoel de Almeida Araujo Coriêa de Lacerda, que desejando auxiliar o men fraquissimo talento, me deixou ver alguns auctores modernos, de cuja noticia eu me via privada, pela minha vida retirada, e falta de meios, depois da quêda politica da minha familia.

Valendo-me pois de algumas circumstancias mencionadas na referida Novella, sobre o horroroso assassiio da infeliz Condessa de Leicester; e desejando eu dar ainda além da morte um exemplar castigo aos auctores de tão negra atrocidade, inventei o Romance que publico, trazendo os mais notaveis acontecimentos ao sitio onde pereceu a desditosa Dama; e onde fiz apparecer o phantasma do deshumano Conde! (Nobre sentimento de compaixão! tu és o vingador da oppressa virtude, tornando-nos inexoraveis para com os malvados!)

Outra razão, ou antes, outro sentimento produziu este poema, e foi o desejo de offerecer um contraste á ingratitude, infidelidade, traição, e ferocidade de Lord Dudley, o Conde Leicester. Pareceu-me honrar a natureza cruelmente ultrajada por aquelle monstro; pareceu-me, digo, dever oppôr a um tal aborto, a criação de um ente virtuoso, e sensivel!.. um esposo, um amante digno verdadeiramente d'estes titulos, tão gratos ao coração que os sabe apreciar!.. um ente qual eu desejaria ter merecido n'este mundo!.. mas que pude encontrar no espaço immenso por onde vaga a ardente phantasia! É todavia, este ente ideal pertence-me! é meu esse thesouro inestimavel!.. e porque eu tambem não era digna de tanto bem, eu lhe destinei a minha Olinda, bella, sensivel, virtuosa, e tambem minha!.. Mas dirão: » Creaste estes dois entes para não lhes dar no mundo outra ventura além do seu reciproco, extremoso, e virtuoso affecto? » Oh! e que maior ventura pôde existir cá na terra?.. e en dei-lhes a felicidade que só por milagre aqui se poderá encontrar! É tornar-me-ha algum coração sensivel: » Dás-lhes a morte por premio de tanta virtude, e de tanto amor? » a que anticipadamente respondo: Sim, porque só no Ceo se goza em paz eterna, e imperturbavel, a verdadeira felicidade! Só lá a virtude deixa de ser perseguida; só lá o verdadeiro amor cessa de encontrar obstaculos, e dôres!.. Só lá existe o premio, a corôa preciosa que Deus prepara aos

bons; e que forçosamente deve ser precedida pela corôa de espinhos de nossos padecimentos! O Ceo é a uica habitação dos espiritos bem-aventurados, que imitando o Creador andam soffrendo na terra o castigo de alheias culpas! Terminar-lhes o seu desterro, unil-os perpetuamente, foi coroar sua virtude, que, sem já-mais succumbir, triumphante se elevou á gloria eterna!

Eis tudo quanto imaginei e senti! Eis o que escrevi em curtos momentos que de noite eu tirava ao preciso descanso, quando finda a minha lida domestica, adormecia meus innocentes filhinhos! A cada instante interrompidas as minhas idéas com o despertar da mais pequenina de minhas tres filhas, a minha Amelia, (de cujo semblante Olinda é o retrato).

Por todas essas razões, e talvez pelas pungentes magoas da minha alma, esta obra (como quasi todas as outras minhas) saíu tão funebre, e sentimental! Entretanto, eu a ultimei em muito curto espaço de tempo; e tal qual a creci ella ahí vac apparecer, sem emenda, nem alteração alguma; porque receei que reedificando-a peiorasse.

Meu presudissimo, e já fallecido Pai, o General Pusich, nascido em uma provincia da Alemanha, deixou a Portugal monumentos indestructiveis de seus gloriosos serviços, já nas armas, já nas letras, em honra das artes, e sciencias; e a mim deixou-me a preciosa herança do ardente amor que soube consagrar a esta

Nação, pela qual deixou a sua patria, e a sua fortuna! Este nobre sentimento me fará triumphar de todos os terrenos obstaculos, que debalde tentam prender os vôos da minha imaginação; e sem faltar aos sagrados deveres, e tremendas fadigas que sobre mim pezam no cumprimento das obrigações de Mãe e Pai a um tempo; auxiliada por Deus, que é só quem me pôde dar forças, espero ainda prestar á minha Patria todos aquelles serviços, que uma debil penna feminil pôde offerter, em honra da moral, e futuro progresso das lettras! Talvez o desejo me illuda!. Mas se eu não desempenhar esta sagrada missão, sirva-me de desculpa este mesmo desejo.

Se a morte me não surprehender a carreira de meus escriptos, rematarei todas as minhas composições com as Memorias fieis da minha vida, tão triste, quanto extraordinaria!. E a minha franqueza, e os meus infortunios hão de por certo, um dia, interessar os meus leitores, (e mórmente as minhas leitoras); e uma lagrima d'essa nobre compaixão que distingue as almas grandes e virtuosas, derramada sobre as minhas ciuzas, e em favor de meus seis queridos filhos, seja a unica recompensa de todos os meus serviços, e crueis padecimentos.

Lisboa 7 de junho de 1848.

D. Antonia Gertrudes Busich.

OLINDA,

OU

A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

CANTO I.

De degouts en degouts il va trainer sa vie.
Victor Hugo. Ode au Vallon de Cherizy.

Da França abandonando os patrios lares,
 Eduardo infeliz, mísero amante,
 Carpindo extincta a bella, e amada esposa,
 Fugia á vista, á compaixão fugia
 Dos amigos fieis, e dos parentes!
 Os logares fugia, que ditoso
 O viram, junto da formosa Olinda,
 Gosar o premio da paixão mais pura!
 Campos que amor de flôres esmaltava!
 Jardins, onde a celeste voz de Olinda,
 O meigo Rouxinol acompanhando,
 Era do trovador, do amante esposo
 Divina inspiração! magico enleio!

Sitiõ feliz, que viste ante os Altars
 Firmado o laço eterno, e sacrosanto
 Que amor tecêra a dois leaes amantes!
 Campos, que nos olhos de chorar cançados,
 Imagens de terror hoje off'recendo,
 Em vez de festival, brilhante adôrno,
 Mostrars a natureza envolta em lucto,
 Na perda de uma esposa idolatrada
 Morta na primavera de seus dias,
 Qual tenra fiôr, que desabrorha, e morre
 A' furia de tormenta inesperada!
 Campos de amor, que a morte horriveis torna!
 Para sempre Eduardo vae deixar-vos!.,
 Quer dar o ultimo adeus á esposa cara,
 Mas não pôde; que o corpo inanimado
 Jaz do Castello em subterraneo asylo,
 Consagrado aos Avós da meiga Olinda:
 Adolpho as chaves guarda; e nem consente
 Que Eduardo alli desça! Era alta noite,
 Quando, illudindo os servos, e os parentes,
 Saiu do Alcaçar: do Pomar ao niuro
 Deu ternas despedidas; e ao saudoso
 Oluciro; e ao claro Rio; mas temendo
 Que pudesse alguém vir ao seu alcance,
 Apressa o passo, entranha-se no Bosque.

Sentindo as forças já de todo exhaustas,
 Que o debil corpo supportar não pôde
 Longa fadiga, senta-se arquejando.
 Na mente oppressa a historia revolvendo
 Do seu amor, de suas desventuras,
 Chora, geme, suspira, e sem alento

Sobre um partido tronco a fronte inclina.
Acode aos olhos bemfazejo somno!
Somno, que o abandonou desde que a morte
A esposa lhe arrancou dos ternos braços!

Em sonho encantador se lhe offerece
Olinda, aos olhos d'alma, tão formosa,
Tão meiga, tão gentil, como era em vida;
Mas n'um profundo carcere encerrada!
Dos olhos de um azul ceeste, puro,
Sobre o nevado peito cahir via
De amargo pranto innumeradas correntes!
Semelhantes aos fios do ouro mais fino,
Via os lindos cabellos esparzidos
Dar-lhe um novo realce! um novo encanto!
Quaes rubins viu seus labios, mas não pôde
Ver alvejar os cristalinos dentes,
Que um sorriso mostrava, e o pranto esconde!
Elle fôrça a prisão, abraça Olinda,
Seu pranto enxuga; e nos mimosos braços
Repousar imagina! ai triste! ao menos,
O preciso descango a um sonho debes!
E que mais é que um sonho a humana vida!

De nobre sangue Olinda origem tinha;
Gentil, discreta, affavel, innocente,
Só tres lustros de idade contaria,
Quando viu Eduardo a vez primeira
Uma tarde do outono passeando
Não longe do Castello que habitava:
Era um logar ameno, onde ceceado
D'alto arvoredo serpeava um Rio;
Foi co'a sua Isabel, Aia presada,
Na limpida corrente recrear-se.

Eduardo alli fôra conduzido
 Pelo desejo de banhar as faces,
 Afogucadas com o arlor da calma,
 E da fadiga; pois que o dia inteiro
 Andou girando os campos, demandando
 Os arcanos sondar da natureza;
 Que admirá-la, estudá-la é seu deleite!
 Contava lustros tres, e mais tres annos;
 Era gentil, e tinha um nobre aspecto,
 Melancolico olhar, e interessante!
 Distincto em nascimento, mas privado
 Dos bens da vã fortuna, desprezava
 Fantasticas riquezas, possuindo
 D'altas virtudes o thesouro immenso!
 De sã philosophia revestido
 Evita a sociedade; entregue aos livros,
 Entregue á solidão, seus verdes annos
 Passa ditoso, estranho ao sentimento
 Que aos jovens corações rouba o descango!
 Mas ai! findou da liberdade o prazo!
 Vaes perder n'um momento a paz suave!
 Outra vida te espera, e tão diversa!
 Vês Olinda; e qual raio fulminante
 Seu rosto encantador pôde abraçar-te
 O livre coração!.. ah! já não livre,
 Mas escravo de amor, sujeito a Olinda!
 Illa egual sensação sentindo ao vê-lo,
 Co'o fino branco véo esconde as faces
 Onde ostenta o pudor virgineas rosas,
 No candôr da innocencia inda mais vivas!
 Retira-se ao Castello de improviso!..
 Nota Isabel a estranha cortexia

Com que fugiu do Cavalleiro á vista!
 Eduardo ar seguiu arrebatado
 De um poder, nm encanto irresistivel,
 Que antes nunca sentiu! Eis de continuo
 Seus passeios alli são dirigidos;
 Olinda o vê; e em breve os dois amantes,
 Em doce intelligencia, a amor procuram
 Terna correspondencia; era uma pedra
 Que junto ao muro do Pomar de Olinda
 Guardava seus escriptos, qual zelosa
 Campa, que restos guarda preciosos!
 Alta noite, Eduardo conduzia
 Suas cartas feis á pedra amiga;
 Ao raiar da manhã se erguia Olinda
 A buscá-las, e dar prompta resposta.

Olinda, que na infancia a Mãe perdendo,
 De Isabel aos cuidados fôra entregue,
 Inseparavel da Aia vigilante,
 Té no mesmo aposento ambas dormiam:
 De Olinda um movimento, uma palavra,
 Um olhar, um sorrir, qualquer desgosto
 Nota Isabel; e a causa inquirir attenta.
 Por isso dos passeios de Eduardo
 O motivo conhece; e bem depressa
 Do segredo de Olinda está senhora.
 Não podendo sair sósinha Olinda,
 Lhe pede que a acompanhe, que desejar
 O ar matutino respirar no campo.
 Observa-lhe a Aia o aproximar-se ao muro
 Com tão grande interesse, e vezes tantas!
 Notou-lhe que de noite não dormia

Desde que víra aquelle Cavalleiro . . .
 Que de dia, fugindo á companhia,
 Andava suspirando, e pensativa !.
 Uma noite fingiu que adormecera,
 Para ver em que Olinda se entretinha.
 Viu-a ler um papel (no seio occulto),
 Beijal-o, suspirar, chorar sobre elle !
 Pergunta-lhe Isabel porque chorava ?
 Que papel era aquelle ?.. Olinda treme . . .
 Fria, convulsa, em lagrimas banhada,
 Contou-lhe, como pôde, o seu segredo.
 Compadece-a Isabel, mas não consente.
 Que alimente a paixão: não torna ao sitio
 Onde Edoardo as cartas lhe deixava.

Em profunda, fatal melancolia
 Cae Olinda; adoecce. O Conde Ernesto,
 Seu desvelado Pai, guerreiro antigo,
 Nobre, opulenta, aliivo, só conhece
 No animo sup'rior uma fraqueza !.
 O amor da sua Olinda, unico fructo
 De una união que amor, que os Ceos formaram,
 E a morte dissolveu !.. que inda lhe é cara !

Da Escocia origem afastada tinha;
 Era por isso em França conhecida
 Por de Ernesto de Escocia esta familia.

O Conde Ernesto vê da cara filha
 Nas faces virginaes a côr perdida !.
 Perdida a animação dos lindos olhos !
 Como a esposa perdeu, teme perdê-la !
 Do mal iudaga a causa, e a causa ignora !.
 Recorre á Medicina; e os professores
 Distracção aconselham; manda o Conde

A Isabel, que não poupe algum desvelo,
A ver se o mal se atalha em quanto é tempo!..
Ah! cégo! foste amante, e não conheces
Os efeitos de amor; que amor te cêga,
Pois o amor paternal também nos venda!

Isabel vê que vencer já não pôde
A tristeza de Olinda: em fim consente
Que dirija ao pomar os seus passeios.
Lá mil queixas encontra, mil receios
Que lhe expressa Eduardo pela falta
Da terna habitual correspondencia.
Recobra Olinda as côres, a saude,
E alegre o Conde ordena mil festejos.

Nunca a aurora assomou um anno inteiro
Que attento já não visse ao seu regresso
De Olinda o rosto, mais gentil que o d'ella!
Na invernosa estação, por entre os gèlos,
Sem temer o rigor do vento, ou chuva,
Olinda ia ao pomar: baldados foram
De Isabel os esforços p'ra contê-la!
Um anno completaram, suffocados
Os desejos de amor, que amor augmenta!
Mas já nos corações dos dois amantes
Tanto avulta de amor a ardente chama,
Que ás vozes da razão já se não doimam!
Obstac'los não conhecem, não supportam
Outra lei que não seja a lei que os une,
A lei da natureza, a lei mais forte!..

Uma noite de agosto, eram dez horas,
Abrazado em amor, impaciente,

Foi Eduardo ao sitio onde sohia
 Deixar as cartas á adorada amante;
 Mostrava a lua em meio a argentea face;
 Nocturna brisa despertando apenas
 Do proximo arvoredos as folhas move:
 Tudo em silencio jaz! Via Eduardo
 Do espaçoso pomar o muro antigo
 Protector da fiel correspondencia;
 O muro contemplando assim dizia:
 » Barreira, a meu desejo insupportavel,
 » Contra assaltos de amor einbalde erguida!
 » Propicia a meus amores, bem poderas
 » A habitação de Olinda franquear-me!
 » Alli da sua voz um som divino,
 » Um osculo de amor ardente, e casto,
 » Meu debil peito ancioso animaria,
 » Que victima de amor, e de saudade,
 » Em pranto suffocado a vida perde,
 » Bem como a planta que do sol privada
 » Na gelada estação succumbe, e morre!
 » Onde amor pôde haver mais desgraçado?
 » Onde egual soffrimento, onde se encontra?
 » N'um olhar fugitivo, em frias letras
 » Nutrir-se uma paixão ha tantos tempos,
 » Ninguem o acreditára; e eu o supporto!
 » De frieza talvez me accusa Olinda,
 » Quando me prende só cruel receio
 » De expô-la ás iras do orgulhoso Conde....
 » Mas pôde a noite amiga proteger-nos,
 » E em segredo guardar minha ventura....
 » Ousemos esperar.... pedir a Olinda
 » Uma graça a que tenho jús sagrado!...

» Mas se ella recusar!.. se ella se offende!..
» Se julga um attentado imperdoavel! »
Em tanta confusão de idéas tantas,
Envolto o terno amante não conhece
Que a noite foge, e o plano aéreo fica!
Em tanto Olinda, no Castello, anciosa
Da manhã suspirava o albor primeiro:
Via em profundo somno submergida
A idosa amiga, que acordar não ousa;
E resolve ir sósinha; já do peito,
Tímido outr'ora, amor lhe espanca o medo!
Sem ruido abre a porta, e subtilmente
Se dirige ao pomar... Oh! vista! oh! lance!
Ao ver o amante, quer fugir, não póde,
Que amor lhe impede a fuga!.. immovel fica!
Sente Eduardo alguém! os olhos volve...
Encara Olinda!.. um anjo elle a imagina
Do Ceo descido a proteger-lhe o intento!
Mas vê que é já manhã; e reconhece
Da encantadora Olinda o lindo rosto!
De paixão transportado, e de ternura,
Elle corre, e se prostra aos pés da amante,
Chorando de prazer, e de ternura!...
Beija-lhe as mãos de neve; e pouco e pouco
Recobrando o valor, com ousadia
Já se ergue; e quer nos braços apertal-a!..
Ella treme, recúa, esfria, córa,
Quer fallar, mas a voz nos labios morre!
O susto, a honestidade, o amor, o espanto
Combatem n'alma da gentil Donzella!
As forças já lhe faltam! já nem sabe
Mover um passo! encosta-se no tronco

De um curvo olmeiro, que marcava a estrada,
É que piedoso encosto offerecia.

Mas em quanto no campo os dois amantes
Esta scena de encantos representam,
No Castello Isabel em sobresalto
Desperta, olha, e não vê a sua Olinda!
Vae á porta!.. cerrada a encontra apenas!..
Corre afflicta ao salão, quer ir á estrada,
Encontra o Conde! Elle maravilhado
De a ver tão cedo alli, pergunta a causa?
Ella mentir não ousa, nem se anima
A dizer a verdade; o Conde afflicto
Pergunta pela filha? Isabel chora!
O Conde desespera; e que declate
Lhe ordena, e sem demora, este mysterio!
Tremendo a Aia lhe diz, que por costume
Logo ao amanhecer, co' a sua Olinda
I'a dar um passeio além no campo;
Mas hoje despertou mais tarde um pouco;
E não vendo a menina alli viera,
Lembrada que era o dia anniversario
Da morte da Condessa; e que teria
Ido c'o Pai ao tumulo materno
Ao funebre, annual, devoto officio!..
O Conde pasma! em vez de ir á Capella
Subito ao campo os passos encaminha:
Isabel o acompanha: ao sitio chegam
Onde Olinda apoiada está n'um tronco,
E n seus pés de joelhos Eduardo
De mil beijos cobrindo as mãos mimosas.
Crier o que vê mal pôde o hourado Conde!

» Olinda! oh! Ccos! exclama: oh! temerario!
 » Que assim meu sangue, miuha honra ultrajas!
 » Dize quem és, que as leis de Cavalleiro,
 » Vil seductor, por certo não professas!
 A filha vendo o pai perde os sentidos;
 Isabel a sustenta carinhosa.

Das expressões de Ernesto resentido
 O joven se levanta, e lhe responde:
 » Não sou vil seductor, sou Cavalleiro
 » Tão nobre como vós, mas não sou rico;
 » Respeito, adoro Olinda, ousando apenas
 » Meus affectos por lettras declarar-lhe.
 » Um acaso, Senhor, nos fez culpaveis.
 » A vossos olhos; perdoae o excéssos
 » De uma ardente paixão, mas virtuosa!
 » Applacae-vos, e ouvi-me... » em vão o intentas,
 » Torna Ernesto » oh! malvado! as armas busca!
 » Vingança quero! quero ver teu sangue
 » Regar este logar da miuha affronta!
 » Lavar a mancha que em meu nome lanças!
 Quiz de balde Eduardo persuadil-o.

Do Conde alguns crendos estranhando
 A improvisa sortida de seu amo,
 O seguiram de longe; e vendo o caso
 Se aproximam: Ernesto lhes ordena
 Ao Castello conduzam a menina
 Que inda em desmaio jaz; e as irmas tragam.
 N'um delírio de amor tenta Eduardo
 Seguir Olinda; irado o Conde grita:
 » Vac as armas tomar, aqui te espero!
 » Antes da noite deste infauso dia
 » Ha de um de nós cobrir a noite eterna!

» Talvez me aguarde a esposa neste horrivel
 » Dia de immensa dôl, fatal desgraça
 » Em que a perdi! e a gloria tambem perco
 » Maior do meu brasão! A cara filha,
 » Que innocente adorei, culpada odeio!
 » Oh! venha a morte, venha! esconda a terra
 » Minha fronte abatida, envergonhada
 » Que altiva, honrada ergui! que um vil abate,
 » Porque sou Pai, e Olinda era innocente!..
 » Mas antes de eu morrei, quem quer que sejas,
 » D'este braço, que os annos enfraquecem,
 » Os golpes soffrerás; a honra os vigoia. »

Vendo Eduardo que escusar não pôde
 O duello fatal, em fim promette
 Breve tornar co'as armas exigidas.
 Assim cumpre; e encontrou o Conde armado.
 Gigantesca figura, airosa frente,
 De honra, e de raiva fulminando os olhos,
 Inda apezar dos annos manifesta
 Guerreira condição, guerreiro aspecto!
 Cheio de amor, de enthusiasmo cheio,
 Desejára Eduardo em tal momento
 Não ver no Conde o pai da amante cara!
 Mas esta idéa seu ardor modera,
 E o decide a humilhar-se ao seu contrario!
 A Ernesto se aproxima, e assim lhe falla:
 » Para satisfazer-te, illustre Conde,
 » Armado me apresento, mas não penses
 » Que para te offender a minha espada
 » Seus golpes descarnegue: és pai de Olinda
 » Aquella a quem adoro mais que a vida!

» Digna-te pois ouvir-me alguns instantes.
 » Sou nobre qual tu és, préso a virtude;
 » Porém da vã fortuna os bens me saltam:
 » Não me animei por este só motivo
 » A supplicar-te a mão da bella Olinda:
 » Se este amor que me abraza em tanto excéssos
 » Suppre a teu ver os dons da varia sorte,
 » Ouve da natureza a voz sagrada,
 » Que em meu favor te brada! ah! tu não podes
 » Um esposo encontrar que adore Olinda
 » Com tanto ardor como eu! decide, oh! Conde,
 » Da sorte de teus filhos, que esta espada
 » Rendo a teus pés qual filho obediente,
 » Que dos erros de amor perdão te implora. »

A's vozes do mancebo absorto Ernesto,
 Sente as iras fugir da alma paterna!

Recorda quanto amou; e reconhece

A voz de amor, nas vozes de Eduardo!

No peito generoso não consente

Uma acção de vileza qual seria

Um rendido calcar; ama a virtude,

Ama Olinda; e um estímulo mais forte

A favor de Eduardo ora o decide!..

O ver que tem virtude e não fortuna!

» Pois bem (Ernesto diz) eu te perdoo;

» Vem comigo ao Castello; Olinda é tua. »

Transportado a seus pés cae Eduardo,

Cheio de gratidão, e de alegria;

E ambos vão ao Castello, onde em delirios,

Em lagrimas banhada a meiga Olinda,

Pelo pai, pelo amante, aos Ceos orava;

Perdão supplica ao pai, ajoelhando:

Elle a abraça, e Edoardo lhe apresenta
Como consorte já. Em breves dias
Dispostos os festejos se effectua
Tão ditosa união, tão suspirada!
Foi o applauso geral; sómente Adolfo,
Do Conde unico irmão, tentou debalde
Disfargar seu desgosto. O Conde Ernesto
Gostoso contemplava a cada instante
De Eduardo as virtudes, e a ternura
Com que adorava Olinda: assim ditosos
Passaram mezes seis: sentia Olinda
Pullular-lhe no seio um innocente,
Fructo de tanto amor! Com esta nova
De Olinda o pai, e o esposo exp'imentaram
O jubilo maior. Novos festejos
Toda a Aldèa alegraram por tres dias.
Mas ah! tanto prazer durar não pôde!
No dia derradeiro d'estas festas,
Que Adolfo satisfeito dirigia,
No fim da tarde manifesta Olinda
Uma agonia extrema; e sem accordo
De improviso caiu: acodem todos;
Alli se achava o Medico, e observando
Os symptomas do mul, declara ao Conde
Que é repentina morte inevitavel!
Abraçado á consorte o terno amante
De dôr perde os sentidos; junto á filha
Quer o Conde acabar; á força o levam
Os servos, e os amigos cuidadosos.
Isabel, vendo inuteis seus esforgos
Por chamar á existencia a ama querida,
Cae tambem n'um profundo abatimento.

A pompa funeral ordena Adolfo,
E na Capella deposita o corpo;
Do Conde, e de Eduardo esconde as chaves
A fim de prevenir algum transporte.
Foi em tanta afflicção que o triste esposo
Privado da consorte idolatrada,
Que era dos dias seus o sol mais puro,
A vida aborrecendo, a morte busca
Longe d'aquelles que o viver lhe alongam.
Quer aos homens fugir, fugir ao mundo,
E em penosa soidão findar seus dias!

FIM DO CANTO I.

OLINDA,

OU

A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

CANTO II.

Lá dobra vezes tres da Aldéa a campá!
 Lá chama aérea voz alguém! tres vezes!
 Dos Paços de Cumnor envolta ás Torres
 Bateu o negro Corvo as asas negras.

DE MICKLE,

Balada, ou Elegia, — Cumnor-Hall.

Já no horizonte erguendo a face pura
 Candida Aurora as trevas afugenta!
 Já de ouro, e de rubins fulgentes raios
 Despede o Sol; e as plantas vivifica.
 As innocentes Aves despertando
 Os ninhos deixam; vem saudar o dia,
 Ternas canções alegres entoando.
 Acorda a natureza! e o triste amante
 Dorme profundo somno! eis de improviso

Ao som de humana voz desperta, e olhando
 Vê junto a si um homem venerando,
 Longa a barba, o cabello encanecido,
 Rustico em trage, em frase Cavalleiro.

» Quem és, diz Eduardo, e que pertendes?
 » Quem és, que perturbar veus meu descanso?
 » Se és vivo fuge, su és phantasma fica,
 » Que eu só das sombras quero a companhia.
 » Queiro aos vivos fugir, viver co'os mortos!
 » Socega-te, mancebo desgraçado!

Diz o bom ancião: » Se é tua sorte
 » Os vivos detestar, de mim não fujas,
 » Que á morte mais que á vida já pertengo!
 » Vem ver meu pobre albergue, e n'elle a imagem
 » Verás da sepultura. » Ao triste joven
 Pega do braço; e a custo o vae levando.

Passaram todo o bosque; junto a nm monte
 Um pequeno casal se divisava;
 A' entrada nm cedro tinha; parecia
 Uma Ermida em deserto. Sobre a porta
 Via-se triumphante a Cruz de Christo,
 E em mármore gravada esta legenda:
 = Quem por Deus fuge ao mundo, só não vive;
 = Tem do Senhor a excelsa companhia. =

Toda esta habitação era uma sala,
 E um pequeno aposento, onde uma cama
 Tinha o Ermita: na sala entrando apenas
 Sobre um Altar se via uma caveira:
 N'ella attenta Eduardo, e diz ao velho,
 Com voz terrível pela dôr cortada:
 » Ah! bom velho! eis á vista que me é grata!
 » O desengano este é do mundo insano!

» Da mundo que abomino, e fugir quero!
 » Oh! quem me dera já ver-me finado
 » A ponto de egualar esta caveira!
 » Meu triste corpo então já não soffrêra,
 » E minh'alma talvez fôra ditosa
 » Na doce companhia idolatrada
 » Da esposa que perdi, que extincta adoro!»

Da afflicção de Eduardo condoído
 O bom velho o conforta, e lhe offerrece
 O preciso alimento, que a uma Aldêa
 Costumava ir buscar, d'alli não longe.
 Recusou-o Eduardo, e o Monge o exhorta
 Com palavras de fé, que o persuadem.
 Pedindo-lhe attenção, conta-lhe o velho
 Que elle era inglez, Religioso antigo
 Catholico Romano; e que aborrido
 Das leis modernas; e em geral do mundo,
 Buscára a solidão n'aquelles ermos,
 Mandando construir uma choupana,
 Que no inverno da vida o recolhesse;
 Que não tinha parentes, nem amigos,
 Além de algum viandante desgraçado.
 Ricardo se chamava o Solitario.
 E proseguiu: que usando levantar-se
 Ao raiar da manhã, humildemente
 Ao Supremo Senhor de quanto existe
 Erguendo o pensamento, e as mortaes vistas,
 Demandava os logares mais desertos;
 E hoje, por certo occulto sentimento,
 Que elle mesmo estranháta, conduzido
 Só por seu coração, foi ver o bosque
 Onde estava Eduardo, e o julgou morto

Por lhe sentir a fronte, e as mãos geladas;
 É por isso o chamou. Mais animado
 O mancebo lhe conta seus desgostos,
 Dizendo, que buscava n'um deserto
 A vida terminar sem ver um vivo,
 Que por ser vivo a si mesmo s'odiava.
 Pede lhe conte historias d'algum morto,
 E por piedade em vivos não fallasse!

Conhecendo o ancião ser imprudente
 No auge maior de dôr todo o conselho,
 Tentou na mesma dôr nchar-lhe o alivio.
 A historia lhe contou de um negro Espectro,
 Que na Inglaterra apparecer sohla
 N'uma antiga Abbadia, hoje deserta,
 Dos Monges de Abington retiro outr'ora;
 N'um bosque em Cumnor-Place edificada,
 Isabel a doára a um seu valido:
 D'este a infeliz consorte assassinada
 Foi n'aquelle solar: o algoz malvado
 N'uma prisão tambem perdeu a vida
 No cruel desespêro de um herege.
 E' fama, que, em soando a meia noite
 Té ao nascer da Aurora, alli se escutam
 Estrondo horrivel, funebres gemidos,
 Grassando o espanto, e o terror na Aldêa,
 Todo aquelle ariedor despovoaram.
 Inda não se animou algum vivente
 A sondar este arcano, que bem pôde
 Ser vão pavor de um morto; e que dos vivos
 Aquelles pagos o delieto escondam!
 Ou de falsa moeda fabricantes;

Ou de ladrões quadrilha alli se abriguem.
 Porém, seja o que for, ha tantos annos,
 Sem faltar noite alguma, ás mesmas horas,
 Apparece o phantasma; ora girando
 Sobre os muros do Alcaçar; sobre as torres;
 Ora descendo ao bosque, e aos subterraneos,
 Pois quando geme faz tremer a terra!
 Será do Ceo talvez a alta justiça,
 Que nesta apparição se manifesta!
 Tal discorria o velho; e a estranha nova
 Interessa Eduardo: elle decide
 Dos pagos de Cunnor ir ver o Espectro.
 Da arriscada intenção quer afastal-o
 O devoto ancião, mas vendo inuteis
 Suas ponderações, e seus esforços,
 Ao peito de Eduardo um lenho sacro,
 E outras reliquias santas pendurando,
 Lhe diz: » Vae triste, inconsid'rado joven,
 » Que ousas de um reprovado aproximar-te!
 » Contra as forgas do inferno um Deus te escude,
 » Que eu por ti fico orando até que voltes.
 » Quem nunca a historia horrivel te contára,
 » Que esta dura afflicção me pouparias!
 » Fatal noite! fatal condescendencia! »

Eduardo agradece o acolhimento
 E as bondades do Monge, a quem promette
 Voltar em breve: A noite negreando
 Co'as sombras o universo inda envolvia,
 Quando abraçando o amigo, o infeliz joven,
 Da virtude, e da paz deixou o asylo.

Noite e dia caminha, té que chega

Ao ponto onde o embarcar é indispensavel :
 Passa em fim á Inglaterra, e a estrada segue
 Que mais breve o conduz a Cunnor-Place.

N'um outeiro agradável situada
 E' de Cunnor a Aldêa; perto d'esta
 Um espaçoso, denso bosque existe
 D'altos muros cercado, e junto d'elle
 A soberba mansão edificada,
 Cinco millhas de Oxford talvez distante.

Avistando Eduardo aquelle ponto,
 Sentindo o debil corpo fatigado
 De jornada tão longa, e tão penosa,
 Resolve repousar alguns instantes
 No Urso Negro, estalagem muito antiga
 Em Cunnor, e mais que outras frequentada :
 Alli se apêa, e sóbe; alli descansa,
 Esperando que chegue o fim da tarde;
 Mas se á fadiga o debil corpo cêde,
 Cada vez mais o espirito se exalta !
 Não pôde socegar ! horas eternas
 Lhe parecem as horas que decorrem !
 Do dia o termo anhella, desejando
 Entrar no bosque só quando anoiteça,
 Occulto aos olhos de qualquer vivente
 A fim que o intento alguém lhe não perturbe;
 E quer novas ouvir do Espectro negro,
 Para se dirigir mais instruido.
 Forçando o coração, que só deseja
 No proprio mal achar o lenitivo,
 (Pois no peito opprimida a magoa cresce)
 Senta-se o triste junto de um viandante,
 E pergunta se era esta aquella Aldêa

Visinho á qual, dizia o povo rude,
 Sohia apparecer um nêgro vulto,
 Que um phantasma se crê? E', diz-lhe o estranho
 Com quem fallava; » mas não se acredite,
 » Que um vão terror, uma illusão do povo
 » Seja aquella visão! posso afirmar-vos
 » Ser verdadeira a apparição do Espectro,
 » E vou contar-vos o que me succede.
 » Chegando eu de Abington ha poucos dias
 » A tratar de negocios, por acaso
 » Aqui dizer ouvi, que em Cunnor-Place
 » Não habitava alguém, e ha tantos annos
 » Uma casa de campo muito boa
 » Se achava pelo dono abandonada;
 » Que a dava a quem ousasse ir habitá-la,
 » E apesar da pobreza d'esta Aldêa,
 » Ninguem acceitar quer tal beneficio,
 » Com susto do phantasma, cujos gritos
 » De noite horriavelmente a casa atrôam!
 » Tive por fabulosa esta noticia;
 » E tendo aqui de estar inda alguns dias,
 » Para mais não gastar nas estulagens,
 » Dispuz-me ir habitar aquella casa.
 » Emprestaram-me um leito: sem receio
 » Fui lá ficar a noite de antes de hontem.
 » Julguei superstição, julguei loucura
 » Acreditar na apparição dos mortos;
 » E assim quando em tal sombra me fallavam,
 » Zombava, ria, avisos desprezando.
 » Deitei-me pois, a luz deixando acceza;
 » Nada ouvi; té que o sino toca as dôze!
 » Referil-o, ai! Senhor, inda mal posso!

» Os cabellos, as carnes se arripiam !
 » Os gemidos, o estrondo eram tão fortes,
 » Que as paredes, os tectos abalavam !
 » Tremia a casa, e a cama de tal sorte,
 » Que um terremoto horrivel parecia !
 » Levantei-me, e confesso que assustado ;
 » Mas vendo mais e mais crescer o estrondo,
 » Uma janella abrí ! eis de repente
 » Ante meus olhos mil faiscas vejo
 » Que pareciam horridos coriscos !
 » Cuidei que me cegavam ! ser prudente
 » Pareceu-me o sahi, antes que visse
 » Arder, ou sobre mim cair a casa !
 » Sahi ; passando ao longo da tapada,
 » Não me atrevendo a olhar, e ineio morto,
 » Cheguri a esta estalagem onde estamos. »

Um d'est'arte fallava ; e outro viandante
Casos iguaes contava acontecidos.

Assim por modos tantos escutando

Novas aterradoras do phantasma,

Pergunta a causa porque não se animam

A sombra interrogar ? todos respondem :

» Porque o amor natural da propria vida

» Nos impede fazê-lo, pois tem certo

» Morrer cedo o que falla com phantasmas. »

Os excéssos de amor, ou de infortunio,

A razão aos mortaes perturba tanto ;

Que as victimas de amor, ou da desgraça,

Facilmente acreditam n'um agouro ;

Qualquer preocupação do vulgo insano,

Um sonho, uma chimera agita os tristes !

Eduardo, que outr'ora possuía
 Um pensar livre, uma razão sublime,
 Hoje abatido pela desventura,
 De uma paixão funesta dominado,
 Offrece em si fatal metamorphose!
 Dos sabios que estudou, conceitos puros
 De todo esquece; e ao vulgo errante e nescio
 Presta sêria attenção, crédito presta!
 » Assim, consigo dizes, chegaste, oh! hora!
 » Hora final de meus cançados dias!
 » Ha de o meu corpo em breve achar descranço;
 » Ha de a alma ser feliz de Olinda á vista! »

Assim gostoso vae; e sem receio
 Entra o Alcaçar medonho! Era já noite.
 A montões de ruínas reduzida
 Vê do antigo solar a maior parte;
 Mas pela construcção forte, admiravel,
 Vê a outra parte resistir ao tempo!

Vae penetrando o bosque abandonado:
 Partidos os carvalhos, e confusas
 As arvores annosas se entrelaçam;
 Como temendo do hospede nocturno
 As iras infernaes! Soprava o vento:
 A lua tenue luz offerecia,
 Que entrar não ousa na espantosa selva!

Meia noite soon! hora tremenda!
 Tremenda, horrivel ao mortal ditoso,
 Mas grata ao infeliz! da Aldêa o sino
 Annuncia da noite em meio o giro!
 Estalam de improviso as grandes portas,
 Como da artilheria o som mais forte,

Cujos écos retumbam na Abbadia!
 Horrroso urrân assoma, e fuge,
 Como a luz de um relampago, e após d'este,
 Rugido escuta, estranho, pavoroso,
 Semelhante ao rumor do pégo irado
 Quando assalta um rochedo; e ao mesmo tempo
 Uivos de cão sinistro! estoura o bosque,
 E horrendo quadro a natureza off'rece!
 Mas com tudo Eduardo não se assusta,
 Que tormenta maior brada em seu peito!
 Sentindo junto a si tremer a terra,
 Vê do bosque sahir fumaça espessa,
 Que uma nuvem parece opaca e feia,
 E qual negra columna erguer-se aos ares!
 Tudo annuncia do phantasma a vinda!
 Nota Eduardo a nuvem, e divisa
 De um gigante a figura; e assim lhe falla:
 » Oh! tu, sombra infeliz, perturbadora
 » Do socego das vivos! porque fado
 » Foges á paz, ao somno do sepulchro,
 » E nesta horrenda solidão vaguêas?
 » Dize, em nome do Altissimo t'ó ordeno!
 » Quem és? declara a causa que te obriga
 » Êstar n'um mundo que te não pertence? »
 Abrindo a bocca enorme, qual furralha,
 Ardentes labarulas despeitino,
 N'um som, que estremecer fez a espessura,
 De um suspiro luthal acompanhado,
 Assim responde o Espectro tenebroso:

ESPECTRO.

- » Renovando funesta memoria, (*)
 » Vou contar-te meus erros fataes!
 » Minha historia infeliz, negra historia
 » Bem sabida já é dos mortaes.
- » Fui Leicester, o Conde famoso,
 » Que já leis á Britania dietou;
 » Vago errante neste ermo horroroso,
 » Onde um crime, o maior se attentou!
- » Gerei n'alma um algôz que me opprime,
 » Que é do inferno o tormento peor;
 » O remorso, que filho é do crime,
 » E' do crime o castigo maior!
- » A' ambição immolei a virtude,
 » Quebrantei conjugal união;
 » D'uma c'roa, que os nescios illude,
 » A esperanza me foi perdição!
- » Da consorte a gentil formosura,
 » Sens extremos por mim; sua dôr,
 » Os gemidos de um'alma tão pura,
 » Não venceram meu cégo furor!

(*) Inventei uma simples e triste musica, para entoar este canto de Leicester: quando me for possível publical-a-hei em separado.

- » Esse cóllo mimoso, e divino,
» Esse peito que amor abrazou,
» Por meu mando cruento, ferino,
» D'impio algôz ferrea mão profanou!
- » Foi d'amor premio a morte, oh! violencia!
» Assassino da mesma que ameí!
» Mas de um Deus protector da innocencia
» Bem depressa o poder divisei!
- » Ante os olhos que o vicio vendava,
» Vã grandeza brilhou mais que amor;
» Eis o Ceo, que meus crimes notava,
» Troca em lucto da purpura a còr!
- » De Isabel de Inglaterra o valído,
» Que do sceptro aspirava o brazão,
» Vê que em breve (castigo devido)
» Regio agrado se torna aversão!
- » De reinar já perdida a esperanza,
» Ao remorso em vão tento fugir;
» Nos altares firmei alliança,
» Que tambem quiz em breve extinguir.
- » Em bebida fatal disfarçada,
» Prompta morte á Condessa off'reci;
» Mas por mão, que do Ceo foi guiada,
» O veneno enganado bebi!

» Vem do crime, oh! tremendo castigo!
» Tal peçonha meu corpo damnar;
» Que vedado me foi o jazigo,
» Nem a terra me quiz devorar!

» Condemnado ao supplicio do inferno,
» Quando o mundo cessar de existir;
» Condemnar-me tambem quiz o Eterno
» Para aos vivos de exemplo servir!

» Tu, que gemes, mortal, soffre, e espera
» Junto á esposa um destino feliz;
» Pois tu'alma innocente não gera
» Negra serpe que o inferno só quiz:

» Negra serpe, traição venenosa,
» Tanto n'alma deixei avultar,
» Que de Amelia gentil, virtuosa,
» Para sempre me soube afastar!

» Oh! Amelia, consorte querida!
» Quem podera tornar a nascer!
» Mas é sorte d'est'alma perdida
» Não te ver, nem deixar de soffrer!

» Té que chegue do grão julgamento
» Esse dia tremendo, fatal!
» Se ouvirá meu continuo lamento,
» Onde déste o suspiro final! »

N'isto um profundo, lugubre gemido
 Solta o Espectro infernal! estrondo horrivel
 Faz a terra tremer! toldam-se os ares,
 Rodando nuvens de sanguinea chamma,
 Em que arde o bosque, ora tornado inferno!

Attonito escutando a voz terrivel,
 Não se assusta Eduardo, mas receia
 Alli permanecer: um condemnado,
 Um inferno o circumdam! esta idéa
 E' funesta ao Christão! rapido os passos
 Quer mover, e não pôde!.. mortal gêlo
 Do sangue o gyro lhe impediu nas veias!
 Cae sem accôrdo o miserando joven,
 E o phantasma cruel desaparece!

Tornado a si do subito desmaio,
 Suspira o desgraçado, a custo se ergue;
 E tentando sabir d'aquelle abysmo,
 Se entranha mais e mais na escura selva!
 Ouve do Rouxinol o doce canto,
 Os êclos infernaes vencer tentando,
 Que inda do reprovado os ais repetem!

Já filha da manhã, suave brisa
 Destroe o effeito do tartareo incendio;
 E benefica a mente refrescando,
 De vida um sôpro communica ao triste!

Errando aqui, alli, já Eduardo
 O dia vê luzir por entre os ramos!
 De incerta luz guiado em fim consegue
 Libertar-se do estygio labyrintho!

De um sinistro, horroroso pezadêlo

OLINDA,

OU

A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

CANTO III.

Quantos males consigo arrasta o crime!
BOCAGE.

Voltando á habitação do bom Ricardo,
Demanda a estrada o consternado joven,
E de Cumnor os paços abandona;
Levando n'alma o horror, a mágoa, o espanto,
Socios funestos, companhia infausta
Da saudade, do amor, e da tristeza
Que no affligido peito lhe habitavam!
O passo apressa, e breve se desvia
Do sitio que avistar anhelou tanto!
Oh! fatal condição da humanidade,
Que nunca satisfeita a alma se encontra!
Que a mudar do mortal os sentimentos
Um sonho basta! por qualquer motivo

O que mais desejon, mais aborrece!
 Mas não ligeira causa infunde 'no triste
 O duro effeito do arrependimento!

Submerso em pensamentos caminhava,
 E consigo dizia: » Oh! imprudente,
 » Temerario que eu fui! que novos males,
 » Que novas dôres preparar-me pude!
 » Não tinha eu já motivos que bastassem
 » A tornar-me a existencia insupportavel!
 » Quando buscar os Céos eu só devia,
 » Onde mora a virtude, e existe Olinda,
 » Busco os infernos, os demonios busco!
 » Ah! levemos esta alma sequiosa,
 » Crestada na infernal, ardente chamma,
 » D'alta Religião á fonte pura!
 » Possa de um santo 'amigo a companhia
 » Digno tornar-me de avistar Olinda! »
 Tão cruentos escrupulos combatem
 Do Fiancez virtuozo a consciencia!

Já da noite no crepusculo caminha:
 Já mal a estrada vê, quando improviso
 Um grito sente! horror lhe inspira ouvil-o!
 Julga a infernal visão que o vem seguindo!
 Pára! escuta!.. percebe alguém clamando
 Soccorro ao Ceo com voz intercadente!
 Não pôde ouvir gemer um desgraçado
 Sem lhe prestar auxilio! as vozes segue,
 Desviadas da estrada, e vê dois vultos,
 Um baquear na terra, outro tentando
 Acabar o infeliz, que em vão forceja
 Por desviar os golpes do assassino!

» Malvado!.. » grita o joven caminhante,
 » Deixa o infeliz, ou morto! » e nisto avança:
 Mas vendo-o foge o algôz espavorido.

Já da lua ao clarão nota Eduardo
 A victima infeliz nadando em sangue!
 Parece por vital-o, mas imbaçile,
 Que em jorros derramado a terra inunda,
 E do afflicto mancho as vestes tingo.

É deserto o lugar: um só vivente
 Não apparece alli, que auxilio preste,
 Em tal consternação, em tal perigo!

Assim a noite passa, e quando as sombras
 Vão fugindo, ao senti da Aurora a vinda,
 A' luz primeira, que nos Ceos assôma,
 Reconhece Eduardo o rosto oxangue
 Do triste que nos braços sustentava!..

» É Adolpho! é Adolpho! o tio de Olinda!
 » É de Olinda este sangue que se perde,
 » E a terra absorve!.. Adolpho, que motivo
 » Aqui nos conduziu? » diz Eduardo.

Adolpho erguenho as moribundas vistas
 Um profundo suspiro arrama d'alma;
 E encarando Eduardo lhe declara
 (Com voz agonizante, e quasi extincta)
 Que em seguimento seu deixára França;
 E que de um saltador acconmettido,
 Na mão do algôz, que a vida lhe roubava,
 Movido da ambigão, via o justiça
 Infallivel de um Deus Omnipotente;
 Que em seus arcanos sabio, incomprehensivel,
 Para punir os máns, dos máns se serve!..

A - m dizendo, cãe no abatimento,
 Que Eduardo julgou ser mortal somno!
 N'isto alguém se aproxima!.. eram soldados
 Que de um destacamento recolhiã!
 Homem morto na estrada!.. alguns gritando,
 Sobre o triste Eduardo se atremessã!
 Como assassino o prendem; nem lhe attendem
 Sua defeza inútil, e decidem
 A' povoação mais proxima leval-os.
 Conduzindo em custodia o triste joven,
 De Cunnor às justigas o entregaram.

O preso à auctoridade se apresenta:
 Era um juiz sem lei, juiz de Aldeã,
 Que nem de seus deveres sabe a norma.
 N'um tom de sup'rior impõe silencio
 Ao pobre preso, que de balde intenta
 Expôr suas razões, sua innocencia!
 A' prisão se recolhe, escura e fria,
 Que amigo sol não doutra! alli sómente
 Via seu corranendo carcereiro,
 Cruel por natureza, e sem princípios,
 Com gestos, e expressões sempre atacantes,
 Ao maior desespero transportal-o!

Dois mezes se passaiam, sem que o triste
 Noite, ou dia, encontrasse algum conforto!
 Uma só providencia não lhe enviam!
 Nem sabe o fim de Adolpho, nem o dia
 Em que ouvido será, será julgado!
 Mas todo entregue à dôl mais penetrante
 (Cujã sombra lhe encohere o mal presente)
 Só despertava ao som da voz agreste

Do seu cruento guarila; a si tornando
 Do profundo lethargo da agonia,
 Na presença do algôz vendo o supplicio.
 Tal fatigado o mesto viandante,
 De um precipicio à beira adormecendo,
 Desperta ao som de horrisona procélla,
 De um relampago à luz assustadora
 Contemplando os abyssos que o circumdam!
 Do feroz carcereiro a odiosa vista
 Já supportar não pôde o desditoso!

Se um nobre que é tyranno se não soffre,
 Quem soffrer poderá um vil tyranno?
 Tem balizas tambem a paciencia,
 Limites a virtude, e inda o heroismo!..

Na mór consternação, do soffrimento
 Toça a méta o infeliz! já desespera;
 Já da mente mil planos revolvendo,
 N'um fualmente assenta! arduo!.. infallivel!..

Resolve terminar seu captiveiro,
 Sua injusta prisão quebrar à força!..
 A' força de seu braço, já que a sorte
 Cruel, injusta, manda que entre ferros
 A virtude, a innocencia atropelladas,
 Gemam curvadas da maldade ao pézo!
 » Terá meu braço mais poder que a' sorte!
 (Diz consigo Eduardo) » inuteis ferros,
 » Do temor, ou da esp'rança respeitados!
 » De vós zomba o mortal desesperado;
 » O que em prego nenhum já tendo a vida,
 » Encara a morte como um fim preciso,
 » De acerbos males termo desejado!
 » Eu, que livre nasci! que vivi livre!

- » Que as leis da sociedade respeitando,
 » De despotas jámais sujeito ao jugo,
 » Prêso, só por amor, fui à consortie!
 » Neste cinto recinto hoje encerrado
 » Sem crime; e de um malvado supportando,
 » De um objecto ignorante, o feneo mando!
 » Quanto indigna é de mim esta vileza! . . .
 » Não abate a desgraça um nobre peito! . . . »
 Taes pensamentos lhe accenderam n'alma
 O fogo juvenil, que a desventura
 Tinha abafado, mas não tinha extincto!
 Firme no seu projecto espera a noite:
 Esta em fim se aproxima, e o carcereiro
 A luz inda não traz, como é costume!
 » Como as horas se uniam vagmosas!
 » Que tardança cruel! todas as noites,
 » Opposto ao meu desejo, vem tão cedo!
 » Hoje que o queio ver, hoje é que tarde!
 » Espirito infernal! alma damnada,
 » Que em me contrariar te esmeras tanto!
 » Minha colera augmenta, se é possível! . . .
 » Fizes bem... tanto mais... has de amargal-o! »

Assim dizio, quando repentino
 Sente um grande darido, e aberta a porta,
 Entoa o guarda en'a luz; e vem com elle
 Um joven que o sustinha pelo braço.
 Beirando o carcereiro começava
 A insultar Eduarilo: este o segura;
 Nem teme o companheiro, e enfurecido
 Por terra o lança! » ai! grita o miseravel,
 » Peidão! peidão, meu nobre Cavalleiro &c. »
 (O traidor, o cruel, sempre é cobarde!)

Quer defendel-o o joven, mas temendo
 Do furo de Eduardo algum transporte,
 Lhe diz: » Senhor, deixai-o por piedade!
 « Está da embriaguez apoderado;
 » Já por isso o segui; as vossas ordens
 » A cumprir me offereço: perdoai-lhe. »
 Eduardo escutando-o lhe responde:
 « Pois bem: se és meus vil, se mais prudente
 » Do que este miseravel; fecha a porta;
 » Deixa-o dentro ficar: segne meus passos. o
 A' proposta annuindo, a porta fecham;
 E saindo Eduardo as chaves leva,
 E o capote, e o chapéo do carcereiro.
 Conseguindo illudir a sextinella,
 Sánc da Aldêa Ao joven que o seguia:
 » Quem és? » diz Eduardo; e elle responde:
 » Jones me chamo, filha da desgraça,
 » Mas não do crime: em Londres fui nascido
 » De uma nobre familia perseguida,
 » Por affecta ao partido de Maria,
 » Legitima Rainha. Meu pai morto
 » A' máns de um protestante, em breve extincta
 » Tota a minha familia; desterrada
 o Só ficou minha mãe, que fugitiva
 « Vagou de terra em terra; e nessa Aldêa,
 » Onde preso estiveste, fidecendo
 » Me deixou sem fortuna, e sem abrigo!
 » A irmã do carcereiro, em cuja casa
 » Minha mãe se abrigou, condoida
 » Da orphanilade infeliz em que me via,
 » Me creou como filho: ella morrendo,
 » Para casa passei do carcereiro,

» Que sobrinho me chama, e como escravo
 » Me tem sempre tratado! que desprezos,
 » Que insultos lhe soffri! ah! Cavalheiro,
 » Não me desampareis! se torno á Aldêa,
 » Triste de mim, acabarei meus dias
 » A's mãos d'aquelle algôz!..» Não te abandono,
 » Não! mancebo infeliz! torna Eduardo,
 » Seremos na desgraça inseparaveis!
 » Dos viventes fugindo á companhia,
 » Na dôr não quiz jámais um companheiro;
 » Porém n gratidão, teus infortunios,
 » Os direitos te alcançam mais sagrados
 » A' minha compaixão, á minha estima.
 » Vamos mudar de trage; algum dinheiro
 » Inda me resta: á poroação mais perto
 » Apressemos o passo. Uma pergunta
 » Tenho a fazer-te: aquelle Cavalheiro,
 » Que ferido encontrei, é morto, ou vivo? »
 » Vive, Jones lhe diz, mas soffre muito:
 » Sanaram-se as feridas, porém de uma
 » Mui difficil se torna o curativo;
 » E' na embega o golpe, e tão profundo,
 » Que d'elle escapará só por milagre. »
 Assim juntos marchavam, procurando
 Não a estrada real, mas os atalhos.

Já do horizonte as argentinas portas
 Abre lucida Aurora, quando ao longe
 Uma casa avistaram; fatigados
 Os nossos dois viandantes n demandam.
 Era de um Lord a antiga residencia,
 Mas hoje entregue só a alguns creados;

Pediram que os deixassem por momentos
 A' sombra repousar. Alli tiveram
 Sincero acolhimento, conseguindo
 Em trage differente algum disfarce.
 Alli dormem, e ao despontar o dia,
 Gratos se despediram da familia
 Que os hospedou sincera, e generosa.
 Sem cessar caminhando, junto á noite
 Uma estalagem buscam retirada:
 Fugindo á companhia, procuraram
 Afastado aposento. Recolhidos
 Estavam no seu quarto, eis bate á porta
 O dono da estalagem assustado,
 Dizendo que appareçam, que os procuram
 Em nome da justiça, que os persegue!
 O alarme sôa, os hospedes acodem,
 Acodem os serventes: os dois jovens
 Iam para snir, quando um paisano
 Seguido de soldados os segura,
 Gritando: » estou vingado!.. ah! desgraçados,
 » O ultrage pagareis que me fizestes! »
 Era este o carcereiro enfurecido!..
 Ao vê-lo se indignou tanto Eduardo,
 E de si o afastou com tal violencia,
 Que estendido o deixou cair na sala.
 A' quéda repentina, e inesperada
 Se ouvem na multidão mil gargalhadas.
 Acceso em raiva exclama o carcereiro:
 » Agarrem, prendam o francez malvado;
 » Que para o vagamuado companheiro
 » Bastam-me os braços, basta-me o cajado! »
 » Esse tempo acabou (repliea Jones)

» Viste do panno a amostra; e se quizeres,
 » Mais algumas lições de picaria,
 » Atrive-te a tocar-me! » E' tal o estrondo,
 Tamanha a confusão, e a gritaria,
 Que ninguem se entendia na estalagem,
 Nova Babel, ou casa dos orates!

Da multidão no centro eis apparece
 Um Loid encanecido, e respeitavel;
 E exclama: » que desordem! que imprudencia!
 » Soldados, applacae este tumulto!
 » Bom estalajadeiro, não vos lembra
 » Que um doente em peigo aqui descanga?»

Taes vozes desprezando o carcereiro,
 Continúa a gritar: » oh! lá, soldados,
 » Atem-lhe as mãos, que assim entrou na Aldèa
 » Por ter ferido Adolpho lá na estrada. »
 Isto escutando o idoso Cavalheiro,
 Corre a Eduardo, e brada: » oh! não se prenda!
 » Elle innocente está! elle é meu filho!»
 No peito de Eduardo succedendo
 A's iras a surpresa, olhos fixando
 No seu libertador, exclama, Ernesto!
 » Ernesto! oh! pai de Olinda! oh! pai querido!»
 Nos braços apertando-o com ternura,
 Pede lhe conte como alli viera?

Contendo a multidão geral espanto,
 Em todos o desejo se declara
 De ouvir dos dois a interessante historia.
 Peda o estalajadeiro que se assentem;
 Bom vinho vae buscar: » Bebei, soldados,
 » Bebei, amigos meus; n'esta estalagem

» Não quer Deus que succeda algum desastre :
 » Esta aventura attentos escuteinos. »

Sem distinguir pessoas, nem logares,
 (Que todos eguaes são n'uma estalagem)
 Assentaram-se; e o mesmo carcereiro,
 Do baque inesperado inda queixoso,
 Presta espantoso, curioso ouvido.

O Conde principia por contar-lhes,
 Que fallecendo a esposa de Eduardo,
 Este deixára França, e em seguimento
 Adolpho, seu irmão, que ora ferido
 No proximo aposento jaz dormindo.
 Que ha illas pela porta recebêra
 Uma carta de Adolpho, e os caracteres
 Mal pôde conhecer! elle dizia
 Que seguindo Eduardo, accommettido
 Fôra de um malfetor; e o triste moço,
 Que da morte o salvou, foi por desgraça
 Como assassino preso, e conduzido
 A' Aldêa de Cumnor, onde jaziam,
 Um preso, outro ferido gravemente,
 Sem esp'rança de vida; que por isso
 Em publico, solemne juramento
 O declara innocente: que na Aldêa
 Tratam só de o curar, mas não de ouvil-o.
 » Que a escrever-me (prosegue o Conde Ernesto)
 » O move a consciencia, diz Adolpho,
 » Recommenla que as chaves da capella
 » Peça a Justino, seu creado antigo;
 » E que eu desça á capella implora nncioso!
 » Perilão pede n Eduardo, a mim, a Olinda!.

- » Mandei chamar Justino; (continua)
 » Mas não appareceu: recommendadas
 » Deixo a Isabel as chaves da capella;
 » A familia, o castello, ermo saudoso!
 » Para valer aos dois, sem perder tempo,
 » Monto a cavallo, e o meu filh Henrique,
 » O filho de Isabel, este que vedes.
 » Chego a Cumnor: a Aldéa alvoraçava
 » Do prisioneiro a fuga: busco Adolpho,
 » Muito peor está! foi-lhe damnosa
 » Da escripta a applicação: vi-lhe as feridas,
 » E conheci que alli não se curava;
 » Que de sabios doutores carecia:
 » Em Oxford os teremos: foi forgoso
 » Sair d'aquella Aldéa sem recursos.
 » Trouxemos o infeliz com tal desvêlo,
 » Que na jornada exp'rimentou melhora.
 » Chegámos inda lha pouco... » Isto dizendo
 Pareceu-lhe escutar um ai de Adolpho!..
 Vae vê-lo: este pergunta o succedido,
 Que parte ouviu, e ignora o mais: Ernesto
 Diz que alli com seu filho se encontrára.
 » Eduardo! oh! meu Deus! (exclama Adolpho)
 » De quantos soffrimentos eu sou causa!
 » Ah! chama-o, caro irmão! revellar quero
 » Um segredo fatal! deixar o mundo
 » Após do seu perdão... do teu!.. oh! quanto
 » Custa ao malvado abandonar a terra!
 » A terra que o soffren! que viu seus crimes!
 » Quanto a morte é cruel ao delinquente!
 » Quanto é fatal da Eternidade a idéa
 » A'quelle que a esqueceu!.. » tal se carpia,

Tal o mísero Adolpho se condemna ;
 Com voz agonizante , ém seu auxilio ,
 Do Senhor invocando a alta piedade !
 Vem Eduardo , e toda a companhia
 Que Adolpho quer presente ; um Sacerdote
 Pede lhe tragam ; este alli se encontra ;
 Que junto ao leito se aproxima , e o escuta .
 Soltando um ai profundo Adolpho elama :
 » Eduardo , perdão ! perdão , Ernesto !
 » Eu morro... da ambição victima triste !..
 » D'ambição que damnando est'alma cêga ,
 » Me fez verdugo do meu proprio sangue !..
 » Calcando as santas leis da natureza ,
 » Algôz me fez da candida innocencia ! »

Como pôde contou , que em grande inagoa
 O submergiu de Olinda o casamento ;
 Pois tinha projectado ser um dia
 De tantos bens o herdeiro : quando soube
 Que Olinda ia ser mãe , o Doutor chama ,
 Medico da familia , e lhe declara
 Seu pezar , seus intentos ; seduzindo-o
 Com promessas e dadivas , consegue
 Que uma bebida preparasse a Olinda ,
 Onde apparente morte ella encontrasse !
 De Justino , e do Medico ajudado ,
 Transportando á capella a pobre Olinda ,
 A fez depositar como defunta .

Alta noite á capella os tres desceram ,
 E a triste conduzindo ao quarto escuro ,
 Que subterraneo , mais remoto fica ,
 Alli presa a conservam ; dando apeuas

O preciso alimento; e vendo Adolpho
 Ausentar-se Eduardo, quiz seguil-o
 Para tirar-lhe a vida; não podendo
 Ver o amor com que Ernesto o distinguia;
 Que na falta de Olinda o nomeára
 Da maior parte de seus bens o herdeiro.
 O acaso o conduziu ao casal santo,
 Onde contou Ricardo, que Eduardo,
 Possuido de amor, e de tristeza,
 De Cumnor fôra ver o Espectro negro:
 Que voando a Cumnor, fôra assaltado
 Adolpho de um ladrão; e soccorrido
 Pelo mesmo Eduardo!.. » Oh! Ceo! que escuto!
 (Grita absorto Eduardo) » isto é delirio!.. »
 » Não é delirio (torna Adolpho): Ah! corre
 » Vae dos ferros livrar a triste esposa,
 » Restituir-lhe a luz de que é tão digna!
 » Perdão!.. perdão!.. meu crime foi tão negro,
 » Quão tremendo e terrivel meu castigo!.. »

Ira, amor, compaixão se apoderaram
 De Eduardo infeliz! desatinado
 Corre a empunhar um ferro.. mas reflecte
 Que o auctor de tantos males jaz sem forças,
 Jaz sem vida talvez!.. oh! não se engana,
 Que apenas terminada a negra historia,
 Os moribundos olhos fecha, e expira!

Sôlta do fragil peito a alma constricta,
 Ernesto, que o escutou, pasmado, e immovel,
 D'alma paterna exhalla um ai pungente!
 Não ousa maldizer o irmão sem vida,

Que é dever santo respeitar os mortos ;
E já punido está !.. O Eterno ordena
Evidente castigo ao crime occulto ! .
Nem quiz um Deus que tal delicto fosse
A' vingança dos homens commettido !
Protector da virtude, e da innocencia,
Em seu favor ergue o divino escudo,
E do impio na cerviz desfecha o raio !
Opprimida innocencia ! em vão não gemes !
Sobem ao Ceo teus écos ! são contados
Por Deus os teus lamentos ! a hora sôa
Decretada no castigo !.. eia ! respira,
Oppressa, consternada humanidade !
O Ceo não deixa sem castigo o vicio,
Nem a virtude sem brilhante c'roa !

FIM DO CANTO III.

OLINDA,

OU

A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

CANTO IV.

Quand on pleure avec toi, l'infortune a des charmes,
 La douleur son plaisir,
 J. REBOUL.

A scena que se passa na estalagem ;
 A confissão de Adolpho, a morte d'elle ;
 De Ernesto, e de Eduardo a dôr vehemente ;
 Assombro, horror, consternação diffundem
 Nos que o lance fatal testemunharam !
 Té mesmo o carcereiro inexhoraval,
 Talvez em vida sua a vez primeira,
 Sensível se mostrou á dôr alheia !
 Não por se enternecer a estranhos males,
 Que o pranto não commove um rude peito ;
 Mas por ver do malvado o fim tremendo !
 Do castigo o espectaculo terrivel,

Da justiça divina as leis o assustam!
 Ah! se o temor não contivesse os ímpios,
 Quantos Neros, oh! mundo, apresentáras!

Pela declaração do extinto Adolpho,
 Livre Eduardo, quer na mesma noite
 Seguir jornada... mas não tem cavallo;
 E não soffrendo amor qualquer demora,
 A pé tenta emprehender tão longa marcha!
 Ernesto então lhe diz: » Ambos iremos;
 » No meu ginete eu vou, tu no de Henrique,
 » E os dois mancebos seguirão na posta,
 » Depois que o funeral cumprido seja
 » Do malfadado Adolpho. » A Henrique ordena
 » Que em pompa illustre sepultar o faça,
 Pois tem de nobre Cavalleiro as horas.
 Tanto, oh! virtude, és sup'rior, és bella,
 Quanto a maldade abjecta, detestavel!
 Oh! quanto nm do outro dois irmãos differem!
 Um transgredindo as leis da humanidade,
 Sacrifica á ambição a naturezn!
 A'quelle que lhe abriu mortal ferida
 O outro perdôa, honranilo-lhe o sepulchro!

Partiram, pois, logo ao raiar da Aurora,
 Que a noite decorreu sem ser sentida.
 Um instante não perdem, não descansam;
 E os ginetes já quasi que succumbem
 A marcha tão violenta. Ao longo passam
 Do casal de Ricardo; este os conhece,
 E os chama, e faz signal para esperarem...
 Mas em vão!.. no galope continuam,

Té perdrem de vista o asylo santo.
 Ao castello em fim chegam! que uégria
 Sente a familia vendo seus senhores!
 Mas a triste Isabel desfeita em pranto
 Lança-se aos pés de Ernesto; este lhe pede
 As chaves da capella: » Não se encontram,
 Nem Justino apparece; e o mais notavel
 » E' que uma d'estas noites, inda tremo,
 Diz Isabel » senhor, im repetil-o!
 » Bateu á porta um homem declinando
 » Trazer-vos uma carta! perguntri-lhe
 » De quem era? mas elle não m'o disse,
 » Entregando-a, oh! meu Deos, desaparece!..
 » A' luz vou ver a carta!.. ah! vêde a letra!..
 » Comign a trago... é tal qual a de Olinda!..
 Era de Olinda! Ernesto a lê, que sorte!
 » Não está na capella: ah! diz Ernesto,
 » D'ella me desviei, quando a buscava! »

Impaciente já tinha Eduardo
 A' capella descido; arromba a porta,
 Mas Olinda não vê!.. já corrompido
 Vê por terra o cadaver de Justino!
 Sabia que outra porta occulta havia,
 Que subterranea uma saída tinha...
 Vae observá-la!.. vê que aberta estava!
 Recolhece que Olinda se evadira!..
 » Ceos! onde iria a triste, inexp'riente
 » Dos caminhos, e dehil, temerosa!..
 » Succumbiu á fadiga, ao susto, á magoa!..
 Disse; e desesperado ia buscal-a,
 Sem saber onde, ou como! o Conde o chama;

Mostra-lhe a carta em que dizia Olinda,
 Que morte repentina accommettêra
 O vil Justino, quando na capella
 Um dia entrára a dar-lhe os alimentos:
 Que ella saíra pela occulta porta;
 E perdendo o caminho do castello,
 De Ricardo foi ter ao casal santo,
 Onde sabendo de Eduardo o intento,
 E que Adolpho o segnia, a desgragada
 Para salvar da morte o esposo caro,
 A' Inglaterra passava; e a Cumnor-Place
 Seus passos dirigia, protestando
 Aos braços paternaes voltar em breve,
 Se o Ceo lhe conserrara o esposo, e a vida!
 « Oh! desesperação! » brada Eduardo,
 A' estrada que deixou veloz tornando.
 Ernesto o segue; ambos não correm, voam!
 No casal de Ricardo em breve pensam.

Perguntam por Olinda, e o santo inoŕge
 Lhes conta, que a infeliz lhe apparecêra
 Demandando o castello; e novas tendo
 De Eduardo, e de Adolpho, declarára
 Ser forçoso evitar um assassinio;
 Que á Cumnor passaria: não podendo
 Ricardo desvial-a d'este intento
 Não quiz deixal-a ir só: acompanhou-a
 A Calais: por fortuna alli se achava
 Uma Franceza, que perdendo o esposo,
 I'a á Inglaterra, onde a chamava o filho,
 A esta boa mulher entrega Olinda,
 Recommendo-a como filha sua:

Deu-lhe para a jornada algum dinheiro,
E se tivesse mais, mais lhe daria.

Gratos os Cavalleiros pertenderam
Deixar-lhe a somma que doára a Olinda;
Elle recusa: não carece de ouro...

» Para o que hei de gastar tenho bastante,
Diz Ricardo » a carreira é terminada,

» Os vossos infortunios a apressaram!..

» Breve nos ha de unir a Eternidade!.. »

Com saudosas, amigas despedidas
Se ausentam de Ricardo os caminhantes.
Andam sem descangar: a Londres chegam,
Onde (lhes disse o velho) residia
Negociante, o filho da viuva.

Tinha morrido ha pouco (lhes disseram)

E a mãe deixado Londres. Perguntaram

Em todas as estradas, e estalagens,

Novas de Olinda, em vão pedidas sempre!

Jones, e Henrique no caminho encontram;

Nem estes a avistaram! breve, affieta

Foi a jornada. A Cumnor-Place chegam.

Olinda em tanto pela vez primeira

Passando o mar entrava o grão Tamisa,

E na opulenta Bahylonia Londres

Com a boa Maria desembara.

A grandeza, o esplendor d'esta cidade

Aos olhos da infeliz gratos não foram!

Um ente desgraçado ama o deserto,

Detesta a confusão, detesta o Iuste!..

A viuva lhe mostra as variedades,

Magnificas grandezas de uma côrte,

Onde as artes reluzem á porfia.
 Distrair tenta Olinda ; e esta repete :
 » Ah ! quanto é mais brilhante o meu castello !
 » Quanto é mais bella a minha amada França !
 » Quão mais ditosa a paz d'aquelles campos ,
 » Do que este labyrintho illuminado ! »

A mísera viuva em fim demanda
 A casa , e o filho... o filho já não vive !..
 Dias ha que expirou ! Subita morte
 Na praça teve ! ao golpe inesperado ,
 Em lagrimas desfeita a mãe saudosa ,
 Deixa a casa , e acompanha a triste amiga ,
 Que em tal estado viajar não deve
 Sem uma companhia , pois se achava
 A ponto de ser mãe. Temendo Olinda
 Encontrar-se na estrada com Adolpho ,
 Pediu que em estalagem não pousassem ,
 Que sós , n'uma caleça , não seguissem
 A estrada mais seguida , pois tem certo
 Encontrar na Abbadia o seu consorte.

Desgraçada ! era tal o teu estado ,
 Que a mesma luz do dia te assustava !
 A' vista de um vivente estremecias ,
 Como julgando estar inda encerrada ,
 Tremendo sempre á vista dos algarzes !
 Vivendo desde a infancia recolhida ,
 Além dos lares seus não conhecia
 Outro mundo , outra gente além da sua ;
 E depois que a ambição quiz sepultar-a
 No carcere , ou jazigo da capella ,
 A mesma luz estranha , e as sombras aua !
 Quanto póde o costume ! aquellas sombras

Qu'outr'ora aborreceste hoje te agradaem!
 A's trevas do sepulchro te avezaste!..
 Sem forças caminhavas, e já perto
 Do aleagar suspirado, foi tão viva,
 Tão grande a sensação d'aquella vista,
 Não por temer o Espectro, que não temes,
 Mas a idéa de ver o esposo caro,
 Que extincta já te crê... esta lembrança,
 Este prazer te agita, e sobressalta;
 E tanto em ti produz estranho effeito,
 Que se á dôr mais cruenta resististe,
 A' idéa de um prazer hoje succumbes!

I'a a entrar na Abbadia, eis repentinas,
 Pungentes dôres assaltando Olinda,
 Os passos lhe impediram!.. corre afflicta
 Maria a soccorrel-a; e vae com ella
 A' casa que mais proxima encontraram.
 Ninguém morava alli! pede a Guilherme,
 Um lavrador inglez, que as chaves tinha,
 Socorro, compaixão... um leito ao menos!..
 Elle dá quanto pôde. Em breves horas
 Uva infante gentil ao mundo veio!

Mas tal o abatimento era de Olinda,
 Que aquelle transe resistir não pôde!
 De dia em dia piorava a triste!
 Um habil professor de Medicina
 Declarou que a infeliz viver não pôde.

Combatia co'a morte a natureza,
 E o coração de Olinda, desejando
 Não acabar sem avistar o esposo!
 Aos peitos seus creando a cara filha,

Já tão enfraquecida se sentia,
 Que julgava expirar a cada instante!
 Nas faces, nas mãosinhas imprimindo
 Mil beijos ardentísimos, que a morte
 Não pôde arrefecer! de pranto banha
 Seu rosto, e diz com voz que os ais cortavam :
 » Oh! filha innocentinho! oh! cara filha!
 » Fructo do amor mais puro, e desgraçado!
 » Não foi para nascer n'esta choupana,
 » Não foi para ser orphã desvalída,
 » Em terra estranha um pobre berço achando,
 » Que tanto desejei tua existencia!
 » A terna mãe perdendo, tu me egualas!..
 » Mas não vê teu natal um pai querido,
 » Nem te ampara nos braços extremosos,
 » Contra os revezes da fortuna escaça!
 » Sem pai, sem mãe, ficas em terra alheia...
 » Mas, ai!.. que digo! um Deus Omnipotente
 » N'um presepio não teve o nascimento?
 » Elle foi que o escolheu, dando um exemplo
 » De humildade, e despêgo de grandezas!
 » Deus!.. tu vês a minh'alma, e bem conheces
 » Que d'esses falsos bens não choro a perda!..
 » Não me ensoberbeci co'a posse d'elles;
 » Prezando-os só para valer aos tristes.
 » Sinto a perda de um pai, e de um consorte...
 » Um pai amigo, um tão leal esposo!
 » Porém, louvor ao Ceo!.. em tanta magoa
 » Tens a minha Isabel, na boa antiga
 » Que Deus te destinou, unico abrigo!
 » Tens a amizade, oh! filha idolatrada!..
 » Em seus braços te entrego. » En'isto Olinda,

A Maria entregando a tenra infante,
 Lhe brada: » Em vez do filho que perdeste
 » Tens Ernestina! ah! por piedade, amiga,
 » Busca-lhe o pai; e se este não achares,
 » Escreve a seu avô; tu vae com ella...
 » Salva-lhe a vida!.. póde ser que a sorte
 » No mundo tenha mais feliz que a minha!
 » Protector da innocencia, e da orphandade,
 » Um Deus defenderá sua existencia! »

Ao pranto, ás expressões da triste dama,
 Sente Maria o coração rasgar-se!
 Sem remedio conhece a enfermidade!
 Desvelada enfermeira em vão se exforça
 Por suavizar-lhe o mal! não tanto as dôres
 Do corpo sente, quanto as dôres d'alma
 A miseranda Olinda! ella supplica
 Um confessor: sente faltar-lhe a força,
 Que o espirito carece no tremendo
 Transito certo d'esta vida á eterna!
 De culpas que não tem, não tem remorsos;
 Mas teme o coração!.. ama Eduardo
 Com tal excésso, que soffrer não póde
 A idéa de o perder, perdendo a vida!

Tanto a alma lhe combatem taes affectos,
 Que abatida adormece alguns instantes,
 Ou pensa adormecer!.. viu-a Maria
 Abrindo os olhos, e co'as mãos cruzadas,
 Tentando ajoelhar-se! crê delirio
 Da febre occasionado. Olinda via,
 Cingindo um manto azul, e vestes róxas,

Apparecer-lhe a Virgem Mãi do Eterno !
 No rosto divinal lhe resplandece
 Um celeste fulgor prodigioso !..
 De odoríferas flôres o perfume
 Se esparziu no aposento, e foi sabido,
 Que até bem claro viu mesmo a viuva,
 Luzir na habitação luz repentina ;
 É um precioso arôma diffundir-se
 Em toda a casa, que pensar não sabe
 D'onde veni ! o que seja !.. O côro alado
 Dos cantores angelicos cercava
 A Purissima Virgem, que na fronte
 C'rôa ostenta de lucidas estrellas !
 A voz divina erguendo assim dizia :
 » Filha, nas minhas dôres companheira !
 » Vem na gloria tambem acompanhar-me !
 » Choraste o pranto meu ! teu pranto enxugo !
 » De meu Filho escolhida, vem ditosa
 » O descango gosar na Eternidade ! »
 A celeste visão desaparece !..
 N'um divinal transporte Olinda fica !..
 Fé, amor, gratidão, alta esperança
 Lhe brilham n'alma pura, e venturosa,
 Que solta já se erê do terreo globo,
 Voando além da luminosa esphera,
 Junto ao seu Creador ir collocar-se !
 Maria a vê sorrir, e no semblante
 Surgirem do prazer a côr, e o brilho !..
 N'um extase a contempla, ou n'um delirio,
 Nuncio fatal, talvez, de breve morte !
 Manda chamar o medico, e procura
 Um sabio confessor : este se encontra.

Vem ambos. Diz o medico : » Oh ! que assombro !
 » Repentina inclinou em tal estado !
 » Nem da saude é esta a despedida !
 » Um prodigio parece !.. não tem febre ,
 » De dôres não se queixa , antes se mostra .
 » Tranquilla , satisfeita !.. mas não falla !..

Chega-se o confessor de Olinda ao leito ,
 E a contempla , e interroga ? ella parece
 Despertar de um lethargo ás vozes d'elle !
 » Ah ! quem me falla ? diz : eu vivo ainda
 » N'este mundo infeliz ? mundo de horrores ? »
 Escuta-a o confessor , conforta , absolve ,
 Bem que de um anjo n'ella a alma encontrasse.

Era Romano o bom Religioso ,
 Vindo alli com o fim de ver o Espectro ;
 Que assim lhe supplicára uma familia
 De um Catholico inglez , inda parentes
 Da mísera Condessa assassinada :
 Desejavam saber se era o phantasma
 Da infeliz , que talvez alli vagasse
 Para revellação de algum segredo ,
 Ou por fim aos mortaes incunpr'hensivel :
 Ou que fosse do barbaro assassino
 A sombra atterradora , e condemnada !..
 Qualquer que fosse a causa , desejavam
 De Cunnor afastar uquelle Espectro ,
 E a idéa sepultar do horrivel caso !
 » Quando cheguei aqui , dizia o padre ,
 (A Olinda , que unimuda , e attenta o ouvia)
 » Disseram-me que um joven lhe fallára ,
 » E que era de Leicester o phantasma . »

» Ah! sabeis, clama Olinda, o nome d'elle? »
 » Eduardo se chama » o padre torna.
 » Eduardo! ai de mim! o meu consorte!
 » E que lhe succedeu? » ella pergunta.
 » Para França tornou, tranquillizai-vos, »
 Diz o Religioso, procurando
 Desviar d'este objecto o seu discurso.

Pede a Olinda lhe diga se devota
 Dos Mystérios das dôres de Maria
 Fôra sempre, ou sómente no infortunio?
 » Sempre » responde; e lhe contou que Adolpho
 N'uma casa de mortos a encerrára:
 Que despertando viu-se amortalhada
 Co'as vestes nupciaes, e só clamava:
 » Sepultaram-me viva! por fortuna
 » No tumulo meu corpo não fecharam!
 » O officio funeral viram fazer-me,
 » E viva me hão de achar!.. tive um desmaio,
 » Ao que entendo, e apressaram-se a enterrar-me,
 » Para afastar do pai, e do consorte,
 » Uma vista, que tanto os affligira!
 » Ah! tristes! como estaes n'este momento!
 » Assim dizia, quando abrir-se a porta
 » Senti; e manso, manso entrar Adolpho.
 » Meu tio, não tenhaes medo, aproximai-vos,
 » E tirai-me d'aquí, pois estou viva!
 » Este lugar inda me não pertence!..
 » Adolpho me encarou, repete Olinda,
 » E diz: Sim, te pertence, pois quizeste
 » A tua perdição no teu consorcio!
 » Tu abriste a teus pés a sepultura,

- » Onde morta estarias, se não fosse
 » Cruel a idéa de verter meu sangue!
 » Mas aqui vivirás, té que a fortuna
 » O dominio me dê d'este castello:
 » Teu pai já velho está; e os teus n'mores
 » Assás a triste vida lhe encurtaram!
 » Pouco pôde viver; e esse demouio
 » Que te tentou a ponto de perder-te,
 » Longo tempo não ha de atormentar-me!..
 » Então verás a luz, oh! desgragada!..
 » Mas conforma-te agora ao teu destino,
 » Se não quizeres aggravar teus males!
 » Disse-me que mudasse d. vestidos,
 » Que não podia ver-me com aquelles...
 » Outros novos me deu: deu-me alguns livros,
 » Para me distraír. Todos os dias
 » O preciso alimento ía levar-me.
 » Meu pranto, minha dôr não se descreve!
 » Imaginai-a só!.. já transportada
 » A um cruel desespero; já cahida
 » Em triste abatimento: os dias passam;
 » Eu sem forças me sinto, e julgo em breve
 » A vida terminar! então me occorre
 » Que a alma em perigo está no desespero!
 » Que um eute vive em mim!.. da vida sua
 » Responsavel me torna a lei divina!
 » A assassina vou ser de um innocente
 » Que é meu filho!.. ai de mim! e sem baptismo!
 » Expòl-o a perecer!.. esta lembrança
 » De horror me fez tremer! só me aconselho!
 » Alguem não tenho alli que me conforte,
 » E só Deus, que nos segue a toda a parte!..

- » De joelhos ao Ceo clamo soccorra!.,
 » Oro á Virgem Suprema!.. derramar-se
 » Um balsamo efficaz sinto em minh'alma!
 » Mais alentada, vou abrir um livro,
 » E encontro a devoção das Sete Dôres
 » Da Virgem Mãi de Deus! lendo-a gostosa,
 » Era todos os dias meu emprego
 » Rezar, e decorar os seus Mystérios;
 » E com tão vivo ardor as contemplava,
 » Que dos olhos caindo o pranto em rios,
 » Té algumas canções pôde inspirar-me,
 » A Deus, e á Virgem Pura consagradas! »

Absorto o confessor escuta Olinda,
 E lhe pede repita, se é possível,
 O canto divinal! Senta-se a enferma,
 E com voz clara, e doce, em sons divinos,
 Qual cysne agonizante ergue sonoro
 O canto derradeiro; on semelhante
 A nm Anjo que da terra ao Ceo se eleva,
 De um Deus cantando a gloria, e a omnipotencia,
 Tal o divino psalmo entôa Olinda.

PSALMO.

Ergue um Deus potente brado! (*)
 Foge, oh! chaos, mundo apparece!
 Fulge, oh! sol, a terra aquece,
 E mil sêres faz viver!

(*) Tambem compuz musica para cantar este psalmo,
 que farei as possíveis diligencias para publicar, assim co-
 mo a do canto de Leicester.

Ao terrestre paraiso
Elegendo um habitante,
O Supremo Fabricante
Foste, Deus, do humano sêr!

Eis da inveja a vil pegonha,
Nos abysmos derramada,
Transmitte intenção damnada,
A' serpente venenosa.

Sobre a oppressa humanidade
Desfecha voraz procella;
Mas surge propicia Estiella!.,
E' Maria luminosa!

Tuas lagrimas e dôres,
Vendo a Cruz sublime erguida,
De teu Filho o sangue, e a vida
Da perdição nos liviaram!

Por uma angustia mil glorias
Destinas aos peccadores,
Que sentindo tuas dôres,
Os teus prantos enxugaram.

Maria, e o confessor arrebatados
O hymno celeste escutum; e a doçura,
A harmonia da voz que Olimpia solta,
Já não parece humana, mas divina!
Digna de entrar dos Serafins no cõro!

OLINDA,

OU

A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

CANTO V.

Non é ver rhe sia la morte
 Il peor de tutti i mali:
 E' un volirvo dei mortali
 Che sou stanchi di penar.

METASTAZIO.

O consternado pai, e o triste esposo
 Afflictos, diligentes perguntavam
 Por Olinda, no entanto, em toda a Aldêa.
 Ninguem noticias dá; que por cautela
 Tinha a infeliz mudado o proprio nome;
 Temendo sempre Adolpho. Só lhes resta
 Ver a Abbadia; para lá caminham.

Oh! quanto é forte amor! esse Eduardo
 Que de horror, e de escrupulos vencido,

Não ha muito este sítio detestando,
 D'elle fugindo o inferno o contemplava;
 Qual Orphêo demandando a cara esposa,
 Vae buscar Eduardo a sua Olinda!
 Nem teme o condemnado, nem o inferno!
 De um valente guerreiro, o Conde Ernesto,
 Tinha a coragem; affrontava a morte
 A sangue frio: armou-se de uma espada,
 Não para o negro Espectro que não vive;
 Mas para algum vivente que á mistura
 Co'a sombra habitar possa na Abbadia.

A' grão mansão chegando, o Conde, e o genro,
 Impavidos entraram; mas os outros,
 Jones, e Henrique, um passo não moveram!
 Sentimento não ha que os vença a tanto!
 Nem amor, nem espirito guerreiro,
 Contra o infernal espirito os accende!..
 Gelado o sangue tein! de pedra estatuas
 Parecem, collocados junto aos flancos
 Do portão da Abbadia! Não percebem,
 O Conde, e o filho, a falta dos dois jovens;
 Só pensando em Olinda o bosque gyram;
 Em claro dia o correm, mas sem fructo!
 Aos salões dirigindo então seus passos,
 Notam dos dois a falta, pois precisam
 Todas as salas ver. » Onde se escondem
 » Estes cobardes vis? dizia o Conde,
 » Ou se perderam penetrando o bosque,
 » Ou, mais certo, com susto nem entraram! »

Abriu o Conde a acaso uma janella,

Que sobre a estrada sita a entrada via
 Do grão solar: abrindo-a fez estrondo,
 Que os fechos eram de grandêza rara,
 E ha muito que ninguem cousava abril-a.
 Despertando ao ruido os dois mancebos,
 Que de medo os sentidos presos tinham,
 Olham!.. um vulto assoma!.. não conhecem
 O Conde, nem se lembram que elle seja!..
 Cada qual solta um grito! um câe por terra,
 Outro foge voando!.. Ernesto exclama:
 » Que valentes guerreiros!.. desgraçados!
 » E' causa do terror vossa ignorancia!
 » Bem semelhante é à terra inculta, agreste,
 » Que abrolhos só produz, e abjectas plantas,
 » O espirito sem luz! oh! quantos males,
 » A falta de instrucção causa aos humanos!»

Pesquisaram debalde: ao bosque tornam;
 E facta para sair, quando Eduardo,
 Da inutil diligencia fatigado,
 O animo perde, e as forças! desmaiando
 A vez segunda, câe no mesmo sitio!

Tinham n'este momento os dois mancebos
 Conseguido, a lom custa, um levantar-se,
 Outro voltar da fuga; receiosos
 De desgostar seus ninos, forcejavam
 Por entrar o portão; quando escudaram
 A voz do Conde, e afflicto o conheceram!
 » Ah! meu Deus! que faremos!.. foi o Espectro
 » Que os viu, e accommetteu!.. diziam ambos.
 » Se eu na varanda o vi!.. figura enorme!
 » Mas vamos acudir a nossos amos!..

- » Deus nos dê forças!.. Sempre quatro somos
 » Contra um só!.. (um discorre, e outro repete)
 » Um só!.. porém com forças de defunto!..
 » Quem se atreve a brigar com os phantasmas!..
 » Não lembra isto a ninguém!.. só um delirio!
 » Só uma tentação, trouxe esta idéa!»

Assim fallavam, duvilando sempre
 Qual primeiro ha de entrar: nas cortezias
 O Conde ainda os achou: de raiva cheio
 Gritou: » Fracos! segui-me!» Entram tremendo,
 Sem distinguir caminho, e tão chegados
 A Ernesto vão, que este lhes braila: » Agora
 » Afastae-vos de mim, como ainda ha pouco.»
 Mostrou-lhes Ednardo; foi com elles.
 Nos braços o conduzem; apressados
 Caminham sem sentir que levam carga!..
 Que o não deixem cair, a todo o instante
 Clamava o Conde: em fim ao portão chegam:
 Saíram mais depressa do que entraram!..

Acaso um homem passa... este é Guilherme!
 Elle os conduz a uma pequena casa,
 Que mais proxima está d'este dominio.
 » Havia muito a abandonou seu dono,
 Diz o bom lavrador ao Conde Ernesto,
 » Do visinho nocturno temeroso.
 » Ha pouco as chaves dei, por caridade,
 » A uma gente estrangeira.» A' porta batem.
 Uma dama apparece em lucto envolta,
 Nos braços sustentando uma creança
 Recem-nascida. Ao vê-los a senhora

Parece estremecer!.. O Conde roga
 Por graça, que o doente alli consintam:
 Este apenas entrou, a si tornando,
 A terra infante vê!.. 'um sentimento
 De ternura, qual nunca exp'rimentára,
 As lagrimas lhe arranca! Elle suspira,
 E exclama: » Oh! Deus! onde me transportaram!
 » Sonho, ou vélo! inda existo, ou já minh'alma
 » Subiu aos Ceos! fechei meus tristes olhos
 » Vendo o inferno, e os abri d'um Anjo á vista! »
 As ultimas palavras acabava,
 Quando se ouve uma voz, já quasi extincta,
 Soltar um debil grito! a voz conhecem!..
 » E' ella!.. » bradam Eduardo, e o Conde.
 » Olinda!.. ah! onde estás?.. » A casa correm:
 Que triste quadro, oh! Deus!.. n'um leito aristam
 Uma joren senhora moribunda!..
 E' Olinda! em que estado! Ella abre os olhos
 Inundados em pranto; e tenta erguer-se,
 Mas não pôde, que as forças a abandonam!
 Beija a mão paterna; beija o consorte;
 Mortal gélo seus labios endurece...
 A custo os abre, e diz agonizando:
 » Adeus pai... adeus filha... adeus consorte...
 » Adoradas porções d'est'alma afflicta!
 » E' forçoso acabar!.. adeus, amiga...
 Lembrou-se de Isabel; de Henrique, e todos;
 De todos se despede; e continúa,
 Abençoando a filha: » Oh! Eduardo!
 » Se triste a vida foi, se foi tão breve,
 » Ditosa Eternidade nos espera! »
 Uma das mãos cerrava a mão d'Ernesto,

A outra a mão d'Eduardo: ao peito as leva;
 E aberta com ternura! aos Ceos erguendo
 Uma vista final, expira Olinda!..

Eduardo não chora!.. immovel, frio,
 Elle a vê acabar!.. um ai não solta!..
 Eduardo a contempla, e n'um transporte,
 De Olinda o gentil corpo inanimado
 Cerra nos braços com violencia tanta,
 Que não mais o largou! vão arrancal-o
 Dos braços da consorte... jaz sem vida
 O misero Eduardo!.. suffocado
 De dôr profunda terminou seus dias!
 Dôr muda, dôr enxuta, dôr terrivel,
 Quem nunca teus effeitos conhecêra!..
 Lagrimas ternas, lagrimas precisas,
 Contra os males que o espirito combatem
 Da natureza providente auxilio!
 De oppressos corações sois desfogo!

Dnas vezes foi sorte que sentisses,
 Oh! triste Conde, a morte de uma filha!
 Prestes a succumbir, no heroico peito
 Reune o infeliz pai as forças todas
 Que a razão lhe concede! Ao fiel Jones,
 E á viuva encarrega do cuidado
 De conservar com balsamos os corpos,
 Té que ordem tenham para o seu transporte,
 Que determina com lustrosa pompa.

A netinha infeliz nos braços toma,
 E a marcha segue para o seu dominio.

Segue-o Henrique: a jornada é tormentosa,
 É demorada assás: de instante a instante
 Parando a alimentar a tenra infante;
 Todo o desvelo cuidadoso emprega,
 Nutrindo-a com substancias, e bom leite:
 Sustento que uão supre o precioso
 Do seio maternal doce alimento,
 É o suave calor da mãe querida,
 Que faz crescer, e vigorar o filho.

Caminha o afflieto Conde, e da Inglaterra,
 Que tão fatal lhe foi, deixando o reino,
 Desembarca em Calais: alli da filha
 As memorias mais vitas se apresentam.
 » Bélla d'aqui partiu! Calais, tu foste
 » A ultima terra que ella viu de França! »
 Comsigo diz, e consternado marcha.
 Ao passar junto á casa de Ricardo,
 Quiz Ernesto saudal o, mas observa
 Que tem fechada a porta; a Henrique ordena
 Va saber novas d'elle: abrir-se a porta
 Sente Henrique, e não vêalguem que a abrisse!
 De musica ouve um som harmonioso!
 Sente de flôres precioso aroma!
 Fechada estava a casa, e parecia
 Entorno illuminada; e não vê luzes!
 Co'a vista a casa corre... vê no leito
 O ditoso ancião morto, on dormindo...
 Um fulgor lhe reflecte do semblante!..
 Henrique acena a Ernesto; este entra, e exclama:
 » Ah! cumprin-se do santo a prophecia!
 » Que em breve a Eternidade vos unia

» Ao filho meu disseste; oh! santo amigo!
 » Possa Ernesto igualmente acompanhar-vos!»

Oravam de joelhos na presença
 Do bemaventurado a quem o Eterno
 De graça a luz confere em vida, e morte!
 Deixando o asylo santo continuam
 Seu caminho ao castello, onde em fim chegam.
 Toda a familia ao seu encontro corre,
 Em soluços, em pranto, pois divisam
 Do seu senhor no rosto impressa a magoa!
 E Isabel!.. ah! quem descrever podera
 Da mísera Isabel a dôr, o estado!
 Prostra-se aos pés do Conde; este lhe entrega
 A innocente netinha: » Eis o que resta,
 (Diz) » da gentil Olinda! em nome d'ella
 » Eu t'a entrego, Isabel, na mesma idade
 » Em que Olinda entreguei ao teu cuidado,
 » Orphã tambem de mãe! que em quanto eu viva
 » Um extremoso pai terás ao menos,
 » Filha infeliz! de tanto amor nascida!»
 Vês, oh! pobre Isabel, de Olinda a imagem
 Na formosa Ernestina! ella te nfaga,
 Ella te olha sorrindo; e tu a abraças!..
 A Deus imploras, e á celeste Olinda,
 Em lance tão cruel prompto soccorro!..
 Constancia ao coração, forças ao corpo!

« Pede Ernesto ao Governo, e este lhe outorga
 A graça de levar ao seu jazigo
 O corpo de Ricardo: assim ordena
 A Jones, que ao passar tambem o traga,
 Um caixão rico, tochas, e creados

Manda ao santo casal. Jones em tanto,
 Do Governo Britano obtem licença
 De poder transportar os dois finados.
 Em pompa funeal, acompanhada
 De musica escolhida, os dois amantes,
 N'um só caixão, onde ambos bem cabiam,
 A terra deixam que ultima avistaram!
 Em lagrimas banhada segue o enterro
 A viuva infeliz; soffrer não póde
 A vista de Inglaterra, e o separar-se
 Para sempre da amavel companheira!
 Com ella vae tambem; deseja ao menos
 Ser em terra de França sepultada;
 E os dias terminar junto a Ernestina.
 Qual soube em vida acompanhar Olinda,
 Quer morta acompanhá-la. A Aldêa deixa
 Que o mais cruel desgosto lhe recorda.

Do caso lastimoso já na Aldêa
 A noticia grassava; o povo corre
 A ver o funeral; nem já receia
 De Cumnor o phantasma; e aos dois consortes
 Amargo pranto a compaixão tributa.
 Geral consternação se manifesta!
 Muitos dos habitantes acompanham
 A marcha funeal: de terra em terra
 O sequito se augmenta; uns curiosos,
 Outros por devoção. I'am patentes
 Dos dois leaes consortes os semblantes:
 Dois Anjos abraçados pareciam!
 No lindo rosto da innocente Olinda
 Da morte os damnos não se divisavam!

Era uma divindade que dormia,
 A' imagem semelhante de uma Santa.
 O esplendor de tão rara formosura
 Assombro, devoção inspira em todos;
 De maneira que ao ver a comitiva
 Dir-se-hia — é procissão — em vez de enterro!
 Passando ao casal santo de Ricardo
 Vão arrebat o corpo: o povo observa
 Os prodigios que alli se manifestam!
 Crescendo a devoção, muitos Inglezes
 Catholicos Romanos se fizeram.

Os snões do castello, em tanto armados
 Com ricos pannos de veludo negro,
 Bordados de ouro fino, e guarnecidos
 De larga, preciosa franja em torno.
 Fechadas as janellas se illumina
 Com luzes mil este funereo quadro.

Duas capellas tinha este castello;
 Uma onde as Missas, e as funções divinas
 Ao povo expostas solemniza a casa;
 E outra que é subterranea, destinada
 A funebres Officios dos defuntos
 Da familia de Ernesto, que o jazigo
 Tem proximo á capella: esta sómente
 Se abre quando fallece algum parente,
 Ou para renovar a luz continua
 De duas grandes lampadas de prata,
 Que uma alumia o Altar, outra os finados.
 Justino se off'receu áquelle emprego,
 Que aos outros servos não causando inveja,
 Antes o estimam; porque mais ou menos

A vista de um jazigo inspira aos vivos
Receio, compaixão, pavor, tristeza.
Justino (era de Adolpho o confidente)
Não presta aos vivos, não receia os mortos:
Vil egoísta embrutecendo-lhe a alma,
Da humanidade o sentimento abafa!
Trocando este por ouro a consciencia,
Foi da infeliz Olinda o carcereiro:
Quando levava ás lampadas o azeite,
Chorar ouvindo a triste prisioneira,
Murmurava enfadado, repetindo:
» Ouro não ha que pague o sacrificio
» De ouvir lamentações continuadas. »
Mas Deus punindo o barbaro avaro,
De Olinda á vista o fez cair sem vida,
De repentina morte accommettido.
Foi então que a infeliz pôde escapar-se
Por uma porta que sahia ao bosque,
Da qual sómente pôde achar a chave:
Era a porta por onde entrava Adolpho,
Por não causar suspeitas no castello;
E por ser junto ao carcere de Olinda,
Que mais distante do castello estava,
E mais proximo ao bosque, onde sahida
Lhe dava uma casinha solitaria,
Ha muito inhabitada: então contaram,
Que uns pastores de gado um dia ouviram
Gemidos subterraneos; e após d'estes
Uma sumida voz cantar ás vezes.
Isto sabido, menos frequentado
Desd'então foi do bosque aquelle sitio,
Escuro, e triste: a voz era de Olinda.

Do jazigo a capella, que inda ha pouco,
 A porta abriu ao funeral de Olinda,
 Segunda vez se expõe ao mesmo officio!
 A arte, e a magnificencia a dôr contrastam!
 A musica é sublime, e apropriada
 A' triste ceremoniã: em torno azezas
 Em grandes castiçães mil tochas ardem:
 No meio da capella collocadas
 Estão tres ricas essas: os amigos,
 E os creados, em lucto rigoroso,
 Formam do Conde o funebre cortejo.

No enluctado castello assim aguardam
 O regresso fatal da extincta herdeira!
 Eis ao longe se escuta um som funereo
 De musica, e tambores!.. ah! são elles!..
 Clamam todos, e em lagrimas banhados
 Pegando em tochas, o amo afflieto seguem,
 Que ao encontro da filha idolatrada,
 Tremulos passos arrastando a custo,
 Vae receber a filha, o genro, o amigo,
 Hospedes tão queridos, tão chorados!
 Oh! vista! oh! sentimento! ao ver Olinda
 As lagrimas conter não pôde o Conde!
 Aos heroes não pertence um'alma estoica,
 Nem a constancia é socia da fereza!
 Entrando ao som de uma sentida marcha,
 Nas essas todos tres são collocados;
 E depois das exequias do costume,
 Descem a um só jazigo os dois amantes,
 E junto d'elles fica o bom Ricardo.
 As ultimas bençãos, o osculo extremo

Dirige o Conde á filha; e para sempre
 Aos olhos paternaes de pranto cheios
 Esconde a sepultura o corpo amado!
 Então foi, que de todo a natureza
 Vence a philosophia! O Conde treme;
 E ao ver fechar-se o tumulo, desmaia!
 Morto o julguram!.. Ceos, que desventura!
 Exclamam todos, e o sustém nos braços.

Isabel, a bem custo, conduzindo
 A innocente orphãsinha que allí fôra,
 Cumprindo antigo rito, aos pais queridos
 Beijar as frias mãos! Oh! duro lance!
 Isabel, que em soluços suffocada,
 De lagrimas banhando o corpo a Olinda,
 Notava a tenra filha nearinhá-la,
 Acarinhá o pai; e no semblante
 Da innocente assomar a dôr, e o pranto?
 Sente do Conde a quéda... em seu soccorro
 Corre a triste Isabel... faz conduzi-lo
 Ao leito, e providencias mil ordena;
 Que a virtude, que os Ceos lhe prestam forças!

Respira o Conde!.. junto a si contempla
 A formosa Eínestina. » Ah! diz, foi sorte
 » Soffrer est'alma os golpes mais cruentos!
 » Perder a esposa, e a filha; e a ter-me preso
 » Ao mundo que aborreço, me ficasse
 » Em Olinda a consorte, em tí a filha!
 » Dai-me, oh! Deus! dai-me as forças q' me faltam,
 » Que o pezo é grande dos desgostos, e annos.»

Assim foi resistindo quanto pôde
 A' saudade, que os dias lhe encurtava:

Ernestina crescia no gentileza
 Igual á mãi, e na indole ditosa:
 Com tal extremo ella adorava o Conde,
 Que este amor suavizava a dôr ao triste.
 Mas veio a morte em fim, morte de justo,
 Suave, branda, unil-o á cara filha.
 Ernestina o chorou co'a dôr mais forte!
 N'um sup'rior jazigo collocado
 Foi junto a Olinda, onde um sepulchro simples
 Para si preparou: tambem nos annos
 Isabel succumbiu: chora-a Ernestina,
 E um jazigo lhe presta na capella.

Matia, Henrique, Jones, distinguidos
 Viveram no castello; onde Ernestina,
 Como filhos seus subditos amando,
 Foi de toda a familia idolatrada.
 Retirada viveu no seu dominio,
 Fugindo á sociedade, a amor fugindo,
 Virgem se conservou; tendo presentes
 Os amores, e o fim da mãi querida.

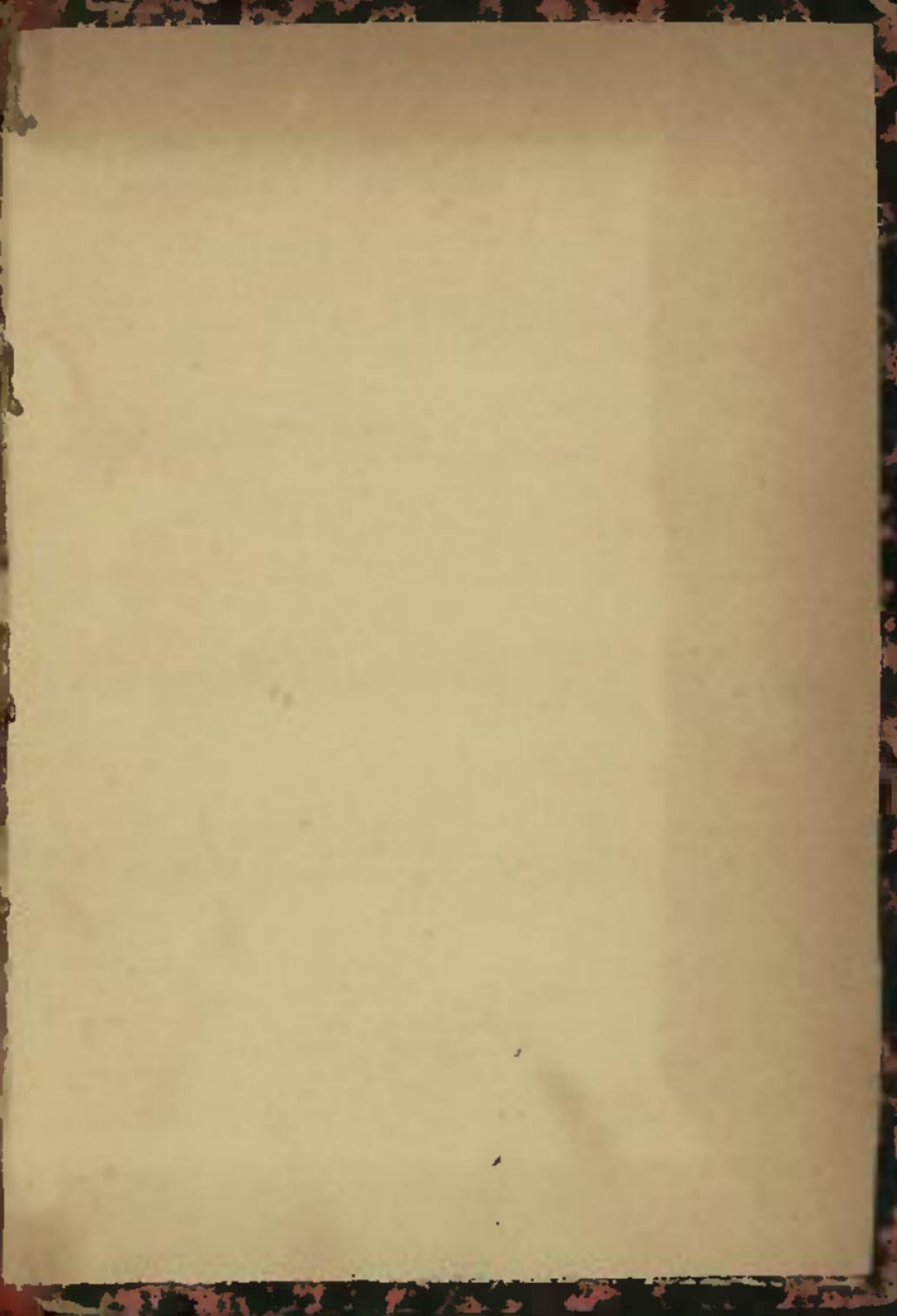
Em favor das familias desvalidas
 Repartindo seus bens, solemnizava
 Com devoto, annua, pomposo officio
 Da catastrophe horrivel a memoria!
 E á virtude seus dias consagrando
 Longos annos viveu: findou com ella
 Dos Ernestos de Ksecocia o ultimo ramo.

FIM DO CANTO V, E ULTIMO.

ERRATAS.

- Canto I, pag. 17, verso 23 — em lugar de se ler ternu-
ra — leia-se alegria.
- Canto III, pag. 42, verso 27 — em vez de axilio — leia-
se auxilio.
- Canto III, pag. 51, verso 7 — em vez de espantoso —
leia-se espantado.
- Canto IV, pag. 57, verso 6 — em lugar de inexhoraval
— leia-se inexhoravel.
- Canto IV, pag. 62, verso 14 — em lugar de compashia
— leia-se companhia.
- Canto IV, pag. 64, verso 15 — em vez de extremosos —
leia-se extremo.

$$+ \frac{4}{18}$$



E
34